Edição bilíngue

Lewis Carroll

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice's Adventures in Wonderland

Adaptação de Telma Guimarães

Ilustrações de Alexandre Rampazo

Editora do Brasil

Edição bilíngue

Lewis Carroll

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice's Adventures in Wonderland

Adaptação de Telma Guimarães

Ilustrações de Alexandre Rampazo

Editora do Brasil

Para Luciana e Ana Lúcia Pavarini,
minhas primas-maravilha!

Alice no País das Maravilhas

1. Na toca do Coelho Branco
2. Um mar de lágrimas
3. A corrida eleitoral
4. Atrás de luvas e leque
5. Conselhos de uma lagarta
6. Na casa da Duquesa
7. Um chá de loucos
8. A Rainha e seu campo de croqué
9. A Tartaruga Falsa
10. Uma quadrilha de lagostas
11. Quem roubou as tortas?
12. Alice e seu depoimento

13. Alice's Adventures in Wonderland

14. Glossary

15. Terra fantástica e da lógica absurda

1. 5
2. 6
3. 8
4. 9
5. 10
6. 11
7. 12
8. 13

9. 14
10. 15
11. 16
12. 17
13. 18
14. 19
15. 20
16. 21
17. 22
18. 23
19. 24
20. 25
21. 26
22. 27
23. 28
24. 29
25. 30
26. 31
27. 32
28. 33
29. 34
30. 35
31. 36
32. 37
33. 38
34. 39
35. 40
36. 41
37. 42
38. 43
39. 44
40. 45
41. 46
42. 47
43. 48
44. 49
45. 50
46. 51
47. 52
48. 53
49. 54
50. 55
51. 56
52. 57

53. 58
54. 59
55. 60
56. 61
57. 62
58. 63
59. 64
60. 65
61. 66
62. 67
63. 68
64. 69
65. 70
66. 71
67. 72
68. 73
69. 74
70. 75
71. 76
72. 79
73. 80
74. 81
75. 82
76. 83
77. 84
78. 85
79. 86
80. 87
81. 88
82. 89
83. 90
84. 91
85. 92
86. 93
87. 94
88. 95
89. 96
90. 97
91. 98
92. 99
93. 100
94. 101
95. 102
96. 103

97. 104
98. 105
99. 106
100. 107
101. 108
102. 109
103. 110
104. 111

Na toca do Coelho Branco

O dia estava quente. Alice começava a sentir-se cansada de ficar sentada junto à irmã, no banco do jardim de sua casa. Deu uma espiada no livro que ela estava lendo… Nenhuma ilustração.

"De que adianta um livro sem desenhos?", pensou.

Naquele exato momento um coelho branco de olhos cor-de-rosa surgiu correndo perto dela.

– Nossa, como é tarde! – ele exclamou, conferindo as horas de um relógio que tirou do bolso do colete.

Curiosa, Alice seguiu o coelho, que pulou rapidamente dentro de um grande buraco. A garota fez o mesmo e foi caindo lentamente… Ela olhou para baixo, mas não conseguiu enxergar nadinha. Então olhou para os lados e viu armários com livros nas prateleiras, mapas e quadros pendurados na parede. Enquanto caía, pegou um pote de uma das prateleiras; nele havia uma etiqueta: "Geleia de laranja". Mas, para seu desapontamento, o pote estava vazio. Alice não quis jogá-lo, com medo de que ele matasse alguém, e tratou de colocá-lo de volta num dos armários.

"Depois de uma queda dessas, como vão me achar corajosa lá em casa", pensou Alice.

– E abaixo, abaixo, abaixo… Essa queda não acaba nunca! – Alice, que não parava de cair, falou em voz alta. – Eu devo estar chegando perto do centro da Terra. Em qual latitude ou longitude? – a menina achava essas palavras tão bonitas que pensou que aquela era a hora apropriada para usá-las, mesmo sem saber seu significado. – Se eu cair no centro da Terra posso até encontrar pessoas que andam de cabeça para baixo… Parece que são chamadas "antipáticas". Terei de perguntar às pessoas que país é este… E também se é a Nova Zelândia ou a Austrália… – Alice continuou a cair. – Ah, que falta eu sinto da minha gata Dinah! Espero que se lembrem do seu pires de leite! Eu queria

tanto que você estivesse aqui comigo, Dinah! Eu sei que você tem um amor cego pelos ratos e aqui não há um rato sequer… Mas pode tentar pegar um morcego porque ele é uma espécie de rato que voa. Dinah, será que você teria um amor cego pelo morcego? – e de repente a menina caiu num monte de folhas secas.

Ela olhou para cima e estava tudo escuro. Quando avistou o Coelho Branco seguindo por uma passagem adiante, foi atrás. Mas ele foi mais rápido e logo desapareceu. Mesmo assim, deu para ouvir sua voz ao longe:

– Está tarde! Estou atrasado!

Alice espiou o corredor. Ele era bem comprido, e o teto, baixo. Dele pendiam várias luminárias. Existiam portas por todo o corredor e Alice testou uma a uma, mas estavam fechadas. Já estava pensando no que fazer quando se deparou com uma mesa muito esquisita. Era de vidro e tinha três pernas. Sobre ela havia somente uma minúscula chave dourada.

"Deve ser de uma das portas do corredor!", Alice pensou. Mas logo em seguida lembrou-se que as portas eram grandes, e a chave, muito pequena. Olhou mais atentamente e descobriu uma diminuta cortina. Atrás dela, uma portinha. Ajoelhou-se, pegou a chave e abriu a porta. A passagem era tão pequena que só um rato poderia passar. Abaixou-se mais ainda e espiou…

"Nossa, nunca vi um jardim tão lindo! Como eu gostaria de sair desse lugar escuro e passear naqueles canteiros de flores!", pensou.

Então Alice decidiu voltar até a mesa. Ela precisava encontrar um meio de entrar por aquela porta!

"Hum, isso não estava aqui antes!", a garota observou que havia uma garrafa em cima da mesa. Nela, havia uma etiqueta:

Beba-me

"Se fosse veneno, estaria escrito 'veneno'", concluiu. Assim, não viu problema em beber o conteúdo.

"Hum, que sabor gostoso! Parece torta de cereja, creme de baunilha, abacaxi, peru assado, doce puxa-puxa e torradas quentes com manteiga, tudo junto." Ela tomou até o fim.

"Que sensação curiosa! Pareço estar encolhendo como um telescópio!", pensou. E como estava. Agora ela media vinte e cinco centímetros de altura… O tamanho exato para passar pela portinha e entrar no lindo jardim. Mas quando chegou junto à porta, lembrou-se que havia esquecido a pequena chave sobre a mesa e teve de voltar. Tentou subir na mesa, mas ela era escorregadia. Sentou-se e começou a chorar.

"Vamos, Alice, não adianta chorar assim…", falou para si mesma.

Logo avistou uma caixa de vidro debaixo da mesa. Abriu a caixa. Nela havia um bolo bem pequeno, enfeitado com frutinhas vermelhas, com as palavras:

Coma-me

"Vou comer!", Alice decidiu. "Quem sabe vai me fazer crescer… Daí eu pego a chave, abro a porta, encolho de novo e entro no jardim." Ela comeu um pouco e ficou esperando que algo acontecesse. Mas nada. Continuava do mesmo tamanho. Comeu mais um pouco e mais um pouco. O bolo inteiro, então.

Um mar de lágrimas

Alice começou a crescer, crescer, crescer. Quando olhou para baixo e avistou seus pés tão distantes, acenou:

– Adeus, meus pés! – A menina ficou imaginando como iria calçar as meias e os sapatos naqueles pés distantes.

Agora ela era tão alta que sua cabeça chegava até o telhado do corredor. Bem, ao menos possuía a chave dourada.

"De que adianta abrir a porta que leva ao lindo jardim se não posso passar por ela?" Alice ficou desanimada depois que abriu a porta. Em seguida, pôs-se a chorar.

"Você devia sentir vergonha de si mesma por chorar tanto assim!", as lágrimas de Alice já alagavam parte do corredor.

Um tempo depois, ela ouviu um barulho ao longe... Um barulho de patas! Era o Coelho Branco que retornava. Muito bem vestido, ele trazia um par de luvas brancas numa das mãos e na outra carregava um leque. Parecia ter mais pressa, pois não parava de dizer:

– Nossa! A Duquesa! A Duquesa! Ela vai ficar muito brava se eu me atrasar!

Alice pediu ajuda ao Coelho Branco.

– Por favor, senhor... Tem acontecido umas coisas tão estranhas comigo!

O Coelho Branco deixou cair as luvas e o leque e, assustado, saiu correndo.

– Sinto-me diferente, sabe? Eu não sou mais a mesma – a menina pegou o leque e começou a abanar-se, enquanto passeava pela sala. – Se eu não sou mais a mesma, quem eu sou então? Vamos ver se ainda sei as coisas que costumava saber... Quatro vezes cinco é doze, quatro vezes seis é treze... Ah, vou tentar Geografia. Londres é a capital de

Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma… Ah, está tudo errado! – Enquanto falava, Alice olhou para as suas mãos e surpreendeu-se ao ver que estava usando uma das luvas do Coelho Branco. Ora, se a pequena luva cabia na sua mão, era sinal de que havia encolhido!

A menina foi até a mesa e viu que continuava a encolher rapidamente.

"Só pode ser por causa desse leque que estou usando!" E decidiu soltá-lo, para não encolher mais ainda.

Alice correu em direção à porta. Foi quando lembrou-se que a chave continuava em cima da mesa de vidro… E ela continuava pequena demais para pegá-la. Nesse momento, seu pé deslizou pela água salgada e ela afundou até o queixo. Primeiro a menina pensou que estivesse no mar. Depois concluiu que estava nadando em suas próprias lágrimas.

"Queria não ter chorado tanto!". Alice tentou achar uma saída. "Já pensou que castigo horrível ficar afogada nas próprias lágrimas?", e ouviu alguém espirrando ali por perto.

Nadou um pouco mais para ver quem era. No começo achou que fosse um hipopótamo. Depois lembrou-se de como estava pequena e concluiu que só podia ser um rato. E era. "Vou tentar falar com ele".

– Senhor Rato… – ela começou. – O senhor sabe a saída deste lugar? Eu já cansei de nadar.

O Rato olhou para Alice, mas nada respondeu.

"Acho que ele não entende inglês", ela concluiu. "Vou tentar falar francês…"

– Onde está o meu gato? – ela perguntou em francês. Aquela havia sido a sua primeira frase da lição em francês.

O rato, tremendo de medo, começou a nadar em disparada.

– Ah, Rato, peço mil desculpas! – Alice caiu no choro. – Esqueci que o senhor não gosta de gatos.

– Se você estivesse no meu lugar gostaria deles? – o Rato não achou a menor graça.

– Acho que não. Mas não fique bravo por causa disso. Mesmo assim eu gostaria que conhecesse a nossa gata Dinah. O senhor acabaria gostando de gatos. Ela é tão querida! – Alice continuou. – Ela ama pegar ratos e… Ah, desculpe, senhor Rato! – a menina percebeu seu pelo

eriçado, provavelmente contrariado com aquele assunto. – Se o senhor prefere, não falarei mais sobre ela.

– Minha família sempre odiou os gatos… – ele continuava tremendo de medo. – Não quero mais falar sobre isso!

– Por acaso gosta de cachorros? – Alice mudou de assunto. – Perto da nossa casa tem um cachorro bem pequeno. É um terrier de olhos brilhantes, pelo marrom, longo e ondulado. Quando alguém lança algo, ele vai correndo buscar. Seu dono é um fazendeiro, e ele diz que o cão é de muita utilidade pois mata todos os ratos da… Nossa! Falei de novo! – Alice havia sido indelicada outra vez.

O Rato, ofendido, já estava nadando em outra direção. Alice o chamou, pedindo que ele voltasse.

– Prometo que não falo mais nada.

Muito pálido, o Rato nadou devagar até Alice. Os dois nadaram até a orla. Foi então que a menina percebeu que também estavam ali: um pato, um pássaro Dodô, um papagaio, uma águia, além de outras criaturas.

A corrida eleitoral

Estavam todos muito estranhos: os pássaros com as penas enlameadas e os animais com a pele visguenta. A primeira pergunta era como poderiam ficar secos novamente. Alice achou que podia participar da conversa, já que estava por ali mesmo. O Rato, que pareceu ser alguém com autoridade entre eles, pediu a palavra:

– Escutem todos, farei com que fiquem secos num minuto. – Todos sentaram ao mesmo tempo, formando um grande círculo com o Rato no meio. Alice manteve os olhos nele, achando que pegaria um resfriado se não ficasse logo seca. O pássaro Dodô, mais que depressa, manifestou sua opinião:

– A melhor coisa para secar é uma corrida eleitoral politicamente correta.

– E o que vem a ser "corrida eleitoral politicamente correta"?

Dodô explicou que nessa corrida, não importava quem chegasse primeiro, mas que corressem de um lado para o outro o tempo todo. A corrida estaria terminada quando todos estivessem secos.

Sem entender muito bem, eles começaram a corrida. Pouco depois estavam secos.

– Quem ganhou? – eles queriam saber.

– Todo mundo! – Dodô respondeu. – E vão ganhar prêmios.

– E quem dará os prêmios? – o coro de vozes continuou.

– Ela, claro! – Dodô apontou para Alice.

– Queremos prêmios! Queremos prêmios! – os animais-animados começaram a gritar.

Sem ideia do que fazer, Alice enfiou a mão no bolso e tirou uma caixa de confeitos que, por sorte, a água salgada não havia estragado. Em seguida, ofereceu-os como recompensa.

– Mas ela também deve receber um prêmio! – o Rato exclamou.

– Claro! – Dodô concordou. – O que mais você guarda no bolso?

– Um dedal... – e Alice entregou ao pássaro.

Dodô pegou o dedal e fez uma reverência, dizendo:

– Espero que possa aceitar este dedal como nosso presente – e devolveu-o à menina.

Os animais ficaram muito alegres com o mimo. Quanto à Alice, achou aquilo um absurdo, mas não ia reclamar de nada. Estavam tão compenetrados no momento da entrega do presente, que tentou, ao máximo, segurar a risada e ficar com a fisionomia séria.

Quanto aos confeitos, causaram um tanto de barulho e confusão. Os pássaros maiores reclamaram que os seus eram muito pequenos; os

pássaros menores, que ficavam engasgados com seu tamanho gigantesco.

– Como eu gostaria que Dinah estivesse aqui conosco! – Alice sentiu saudade de seu animal de estimação.

– Quem é Dinah? – o papagaio quis saber.

– Dinah é a nossa gata. Ela vive pegando ratos como ele – e apontou para o Rato. – E pássaros também. Queria que você a visse comendo pássaros.

Esse comentário causou um desconforto enorme entre as aves.

– Preciso voltar para a minha casa… Está anoitecendo e a minha garganta começa a doer… – e uma das aves foi saindo.

– Venham, crianças! Hora de ir para a cama! – outra chamou os filhotes para que partissem com ela.

Mais pretextos e os animais restantes também se foram, deixando Alice sozinha.

"Por que falei da minha gata?", a menina arrependeu-se, mas já era tarde demais. "Parece que ninguém gosta do meu bichano… Mas tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Será que vou rever você algum dia, Dinah?" Alice sentiu-se tão sozinha que começou a chorar.

Segundos depois, ela ouviu pequenos passos à distância.

Atrás de luvas e leque

Era o Coelho Branco correndo novamente. Ele olhava ansioso para trás, como se estivesse fugindo de alguém.

– A Duquesa! A Duquesa! Ah, minhas patinhas! Minha pele querida! Eu vou ser executado!

Alice achou que o Coelho Branco estava aflito procurando pela luva e o leque e começou a procurar por eles também. Mas tudo ali havia mudado. Nada de corredor, ou mesa ou pequena porta. Quando o Coelho Branco notou a presença da menina, dirigiu-se a ela, ordenando:

– O que está fazendo aqui, Mary Ann? Vá já para casa e traga um par de luvas brancas e um leque. Rápido!

"Ele me confundiu com sua criada!" Alice decidiu que era melhor tentar encontrar as luvas e o leque.

Assim, abriu a porta e entrou na casa. Depois subiu até o quarto. Havia uma mesa perto da janela e, sobre ela, três pares de luvas e um leque. Já estava saindo com um par de luvas quando viu uma garrafa. Nela, nenhuma etiqueta, nenhum rótulo. Alice tirou a rolha e tomou um pouco do líquido.

"Tenho certeza de que vai acontecer algo interessante! Tomara que esse líquido me faça crescer bastante, porque eu estou cansada de ficar pequena", pensou.

Pois muito antes que pudesse imaginar, seu pescoço e cabeça já haviam crescido tanto que se apertavam contra o teto de tal forma que Alice precisou abaixar-se rapidamente para que o pescoço não se quebrasse. Na pressa, derrubou a garrafa no chão.

"Tomara que eu não cresça mais!", ela desejou do fundo mais profundo do coração, mas seu desejo de nada adiantou, pois ela continuou crescendo mais e mais e tanto que foi preciso ajoelhar-se no chão. Teve até de espremer o cotovelo contra a porta e enrolar o braço atrás da cabeça. Ainda assim continuou crescendo e crescendo. Sem

mais espaço para o corpo, enfiou um dos braços pela janela e um dos pés pela chaminé.

"Para onde irá o resto do meu corpo se eu crescer mais um pouco?", sentiu-se muito desconfortável. Por sorte, o efeito do líquido estava no limite e ela não cresceu nem mais um milímetro.

"Em casa eu estaria bem melhor! Não sei por que eu fui atrás do Coelho Branco quando ele pulou para dentro da toca!", arrependeu-se. "Quando eu lia um conto de fadas, imaginava essas coisas, mas elas nunca aconteciam de verdade... Agora eu estou bem aqui no meio de um... Quando eu crescer, vou escrever um livro... Ah, mas eu já cresci... Pelo menos não tem mais lugar para eu crescer aqui!", Alice concluiu, com tristeza.

Nesse instante, ela ouviu o barulho das patinhas do Coelho Branco e a sua voz:

– Mary Ann! Vim pegar minhas luvas! – Ele estava tentando abrir a porta do quarto.

Mas o cotovelo da menina travava a porta e o Coelho Branco, irritado, avisou que entraria pela janela, com a ajuda de uma escada do lado de fora. Alice esticou o braço para fora da vidraça. Foi quando ouviu um barulho! E a voz brava do Coelho Branco, que havia caído em cima de uma plantação de pepinos.

– Pat, onde você está? – ouviu a voz do Coelho Branco de novo.

– Estou aqui! – respondeu uma voz que ela nunca havia ouvido antes.

– Me ajude aqui, vamos! Olhe lá em cima! É um braço, não é?

– É, sim!

– Você já viu um braço desse tamanho?

– Não, nunca.

"O que será que vão fazer comigo?", Alice pensou.

– Pegue a outra escada, Bill.

"Esse Bill é novo na história!", Alice concluiu.

– Devemos tocar fogo na casa – o Coelho Branco sugeriu.

– Se você fizer isso, eu mandarei Dinah pegar você! – Alice gritou o mais alto que pôde.

– Podem começar a atirar – e o Coelho Branco e seus amigos

começaram a arremessar pedrinhas em direção à Alice.

As pedras atingiram o rosto da menina e ela berrou, desesperada:

– Não se atrevam a fazer isso de novo!

Em seguida, ela notou que as pedras, tão logo batiam em seu rosto e tocavam o chão, transformavam-se em bolinhos.

"Quem sabe se eu comer esses microbolos não fique menor de tamanho?" Decidiu experimentar um deles.

Alice encolheu e comeu mais um, encolhendo mais ainda, até ficar pequena o suficiente para passar pela porta e correr para fora da casa. A menina correu o quanto pôde. Ah, mas para entrar no jardim precisava crescer novamente. E para isso, devia comer ou beber algo… Mas o quê? Nada havia em volta a não ser grama, flores e um grande cogumelo.

Ficou na ponta dos pés para ver o que existia no topo.

"Uma lagarta azul fumando um narguilé!"

Conselhos de uma lagarta

A Lagarta olhou Alice e, tirando o narguilé da boca indagou, sonolenta:

– Quem é você?

– Agora nem sei mais... Só sei o que eu era quando levantei de manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então...

– O que você quer dizer com isso? – a Lagarta pediu mais explicações.

– Estou tão confusa com os tamanhos que tive ultimamente... É muito estranho... Quando você se transformar em crisálida, e depois em borboleta, vai se sentir esquisita assim também – disse Alice.

A Lagarta sorriu com desdém. Depois, tirando o narguilé da boca, comentou:

– Então, acha que está diferente?

– Temo que sim... Não consigo lembrar das coisas que acontecem comigo... Também, não mantenho o mesmo tamanho por mais de dez minutos!

– E de quê exatamente não se lembra?

– Eu ia recitar uma poesia que começa assim: "Como pode uma abelhinha...". Mas recitei tudo diferente – Alice explicou, toda triste.

– Então recite "Você está velho, papai"... – disse a Lagarta.

– "Você está velho, papai, e quanto cabelo branco, ai!" – a menina começou a recitar a poesia que a Lagarta pediu.

Tão logo terminou, a Lagarta criticou-a, dizendo que ela havia trocado muitas palavras.

– Não tantas assim... – a menina retrucou.

– A poesia começou errada e acabou errada – a Lagarta afirmou. – De que tamanho quer ficar?

– Ah, nenhum em especial... Só não quero ficar mudando a toda hora, sabe?

– Não, não sei – a Lagarta respondeu.

Alice ficou mudíssima, tamanha a sua irritação. Pudera! Nunca tinha sido tão contrariada em toda a sua vida!

– Está contente com a sua altura atual? – a Lagarta quis saber.

– Gostaria de crescer um pouco mais. Oito centímetros não é altura que se preze – respondeu Alice.

– Pois eu acho uma altura muito boa! – disse a Lagarta, furiosa, pois era o que media do começo até o fim.

– Mas eu não estou habituada a este tamanho!

– Com o tempo vai se acostumar – a Lagarta colocou o narguilé de volta à boca. Daí, desceu do cogumelo e enquanto lagarteava, avisou:

– Se comer de um lado do cogumelo, vai ficar maior; se comer do outro, vai encolher.

Alice mordeu um pedaço à direita. Em seguida, sentiu que estava encolhendo tanto que seu queixo ficou perto dos pés. Antes que diminuísse ainda mais, mordeu um pedaço do lado esquerdo do cogumelo. Não demorou muito e o efeito começou a surgir. O pescoço cresceu e cresceu até ficar no meio das árvores. De onde estava, nem podia mais ver as mãos. De tão alta, um pombo quase bateu em seu rosto. Assustado, gritou:

– Uma cobra!

– Eu não sou uma cobra! – Alice explicou.

– É uma cobra, sim! – o Pombo repetiu.

– Pois eu digo que sou uma menina! – Alice lembrou-se das inúmeras mudanças pelas quais havia passado naquele dia.

– Já vi muitas meninas, mas nenhuma com um pescoço tão comprido. Você é uma cobra mesmo e está dizendo isso só para me enganar que nunca saboreou um ovo.

– É claro que eu já comi ovos. Tanto as meninas como as cobras comem ovos.

– Eu não acredito que seja uma menina. Se está procurando ovos, tanto faz que seja uma cobra ou uma menina – o Pombo estava ficando bravo.

– Se eu estivesse procurando ovos, não ia querer os seus, crus.

O Pombo, mal-humorado, acomodou-se novamente em seu ninho. Alice tentou tirar o pescoço do meio dos galhos, mas estava tudo tão emaranhado! Lembrou-se, então, que ainda restavam na mão alguns pedaços de cogumelo. Levou-os à boca várias vezes, até que, aliviada, voltou ao seu tamanho habitual.

Fazia tanto tempo que não ficava na sua altura original que, no começo, sentiu-se estranha. Mas aos poucos foi se acostumando e logo em seguida já estava até conversando consigo mesma novamente:

"Agora que estou no meu tamanho certo, o próximo passo é entrar naquele jardim bonito. Mas como vou fazer isso?" Alice caminhou até chegar a uma casa. Como a casinha era um nadinha de nada, ela decidiu comer um pouco de cogumelo. Pronto. Só alguém menor que um nadinha de nada poderia entrar na diminuta casa. E foi o que aconteceu!

Na casa da Duquesa

Por algum tempo, Alice permaneceu do lado de fora, observando a casa. Um criado veio correndo ver quem era. A menina achou que ele parecia um peixe. O outro criado que surgiu tinha um rosto redondo e parecia uma rã. Como um dos criados ficou do lado de fora, Alice decidiu entrar. A porta deu direto em uma cozinha grande e enfumaçada. Uma duquesa estava sentada num banquinho de três pernas. Ela carregava um bebê. Junto ao fogão havia uma cozinheira, debruçada num caldeirão cheio de sopa.

Alice sentiu vontade de espirrar.

"Tem pimenta demais nessa sopa!", concluiu.

A Duquesa e seu bebê espirraram em seguida.

Um gato grande estava sentado junto ao forno, com um sorriso de orelha a orelha.

– Por que o seu gato está sorrindo desse jeito? – Alice perguntou meio sem jeito.

– É um gato de Cheshire. Porco! – a Duquesa respondeu de forma tão ríspida que Alice arregalou os olhos. Era um absurdo a forma como ela

tratava o bebê... Claro, porque aquele "porco" tinha sido dito para a criança.

– Eu não sabia que gatos de Cheshire podiam sorrir de orelha a orelha – Alice comentou, corajosa.

– Todos eles podem – disse a Duquesa. – E a maior parte deles faz isso.

– Eu não sei de qualquer um que sorri assim – Alice respondeu educadamente.

– Você não sabe muito – a Duquesa continuou.

Alice ficou pensando em como gostaria de mudar de assunto. E, enquanto pensava em algo, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e passou a lançar as panelas, tampas e pratos na Duquesa e no bebê. O bebê começou a chorar e, para o desespero de Alice, a Duquesa nada fez. Uma panela passou raspando pelo bebê e Alice gritou, chorando:

– Cuidado com o nariz do bebê!

– Se todo mundo se importasse com seus próprios assuntos, o mundo poderia girar mais rápido... – a Duquesa resmungou.

– O que não seria vantagem alguma – retrucou Alice. – Vinte e quatro horas é o que leva a Terra para completar sua revolução...

– Por falar em revolução, pegue uma serra e corte a cabeça dela! – a Duquesa ordenou à cozinheira.

Alice ficou preocupada. Mas a cozinheira estava tão entretida com a sopa que nem ouviu a ordem da Duquesa. A menina então continuou:

– Vinte e quatro horas... Ou serão doze? – ela estava em dúvida.

– Não me amole. Detesto números! – a Duquesa começou a ninar o bebê, sacudindo-o no final de cada verso:

Não dê mole pro bebê,
E se ele espirrar,
Que é para te irritar,
Um bom tapa no bebê
Vai acalmar o fuzuê.

Juntos, a cozinheira e o bebê cantavam em coro:

Uau, uau, uau!

Alice mal conseguiu entender o segundo verso da música, de tanto que o bebê chorava. Também, a Duquesa não parava de sacudir o coitadinho, para cima e para baixo.

Não dê mole pro bebê,

Um tapa se ele espirra,

Acaba com a birra,

Vamos, experimenta,

Um pouco dessa pimenta.

Uau, uau, uau!

A Duquesa jogou o bebê em direção à Alice, dizendo que ela podia tomar conta dele enquanto se arrumava para jogar croqué com a Rainha. A cozinheira tentou acertar a Duquesa com uma frigideira antes que ela fechasse a porta, mas não conseguiu. Alice ajeitou o bebê no colo o melhor que pôde, mas ele parecia ter mil pernas e braços, de tanto que se mexia. Ele também bufava muito e foi difícil levá-lo para tomar um pouco de ar puro.

– Vão acabar matando o coitadinho! – exclamou.

Em resposta, o bebê começou a grunhir. Alice, espantada, pediu:

– Pare de fazer isso! Uma pessoa educada não faz isso!

O bebê grunhiu novamente e quando Alice olhou-o atentamente, seu nariz parecia mais um focinho e seus olhos estavam diminuindo.

"Não estou gostando nada disso... Nadinha!", pensou.

– Pode ser uma crise de soluço... A não ser que esteja virando um porco e daí não vou ficar com ele! – Alice ouviu o bebê grunhir novamente. Deu mais uma espiada... Era mesmo um porco! Colocou o leitãozinho no chão e ficou observando-o correr em direção ao bosque.

"Para um porco, está bem bonitinho; se continuasse uma criança, ia ficar horrível quando crescesse", concluiu. "Conheço algumas crianças que podiam virar porcos", pensou.

O Gato de Cheshire estava no alto de uma árvore e sorriu para Alice.

"Ele tem unhas bem compridas e uns dentões enormes!" Alice decidiu tratá-lo com respeito.

– Como faço para sair daqui, gatinho?

– Depende aonde quer chegar... – disse o Gato.

– Não me importo muito, não...

– Se não se importa para aonde vai, não vai se importar com o caminho também – concluiu o Gato.

– Contanto que eu chegue a algum lugar – Alice completou.

– É só andar bastante que você chega lá – acrescentou o Gato.

Alice então quis saber que tipo de gente morava por ali, ao que o Gato respondeu, apontando com sua pata direita:

– Do lado de lá mora um chapeleiro. E do outro lado, a Lebre de Março. Se quiser, pode visitar qualquer um dos dois malucos.

– Eu não quero ficar no meio de pessoas loucas, não – a menina retrucou.

– Quanto a isso, não há o que fazer…Todo mundo é maluco por aqui. Eu sou, você é…

– Como pode ter certeza que eu também sou louca?

– Ah, deve ser, senão não estaria aqui.

"Isso não prova nada!", Alice pensou.

– E como pode ter certeza de que você é louco? – ela continuou.

– Vamos começar com um cachorro. Um cachorro não é louco, concorda comigo?

Alice concordava.

– O cachorro rosna quando está bravo, certo? E abana o rabo quando está contente. Comigo é o contrário: rosno quando estou contente e abano o rabo se estou bravo. Daí a conclusão de que sou louco. Ou maluco.

– O termo é ronronar e não rosnar – Alice corrigiu.

– Cada um diz como quer. Você vai jogar croqué com a Rainha hoje?

– Bem que eu gostaria, mas não fui convidada.

– A gente se vê por lá – e o Gato desapareceu.

Alice não ficou nem um pingo de nada surpresa com o desaparecimento do Gato, pois já estava se habituando aos estranhos acontecimentos. Não demorou um minuto e o Gato surgiu no mesmo lugar, indagando o que havia acontecido ao bebê.

– O bebê virou um porco – respondeu Alice.

– Achei mesmo que isso ia acontecer! – o Gato exclamou, desaparecendo de novo.

Alice decidiu caminhar em direção ao local onde a Lebre de Março morava. Entre uma lebre de março e um chapeleiro, ia ficar com a Lebre, pois já havia visto chapeleiros anteriormente.

"Estamos no mês de maio e a Lebre pode estar menos louca do que no mês de março", concluiu.

Nem bem acabou de pensar, e o Gato surgiu no alto de uma árvore.

– Porco ou torto? – ele perguntou.

– Eu disse "porco" – Alice respondeu, pedindo ao Gato que parasse de

aparecer e desaparecer, pois ficava tontinha que só vendo.

O Gato concordou e desapareceu aos poucos, terminando no sorriso, que durou mais tempo.

– Já vi gato sem sorriso, mas um sorriso sem gato é demais! – Alice achou aquilo muito curioso.

Depois de caminhar um pouco, ela viu chaminés em forma de orelhas e um telhado coberto de pelo. "Só pode ser a casa da Lebre de Março!" A casa era tão grande, que a menina achou melhor crescer um nadinha de mais. E para isso, mordeu um pedaço do cogumelo – o do lado esquerdo – e ficou com sessenta centímetros de altura.

"E se a Lebre for mesmo maluca? Não sei, não, mas acho que devia ter ido à casa do Chapeleiro..."

Um chá de loucos

Quando chegou à frente da casa, viu que a Lebre e o Chapeleiro, sentados à mesa, tomavam chá. Junto deles estava um Esquilo, caindo de sono. Pudera! Acostumado à vida noturna, passava o dia dormindo. Enquanto conversavam, a Lebre Maluca e o Chapeleiro o utilizavam como apoio para seus cotovelos.

Alice sentiu pena do bichinho, mas ele nem se importava, pois dormia a sono solto. Apesar de a mesa ser bem grande, os três estavam bem juntos. Quando viram Alice, exclamaram:

– Está tudo lotado!

– Como, lotado?!?! – a menina estranhou. – Tem lugar de sobra! – E sentou numa poltrona à cabeceira da mesa.

A Lebre ofereceu-lhe vinho.

– Não estou vendo vinho algum por aqui – Alice respondeu, ao notar que só havia chá.

– É, não tem vinho mesmo – a Lebre de Março concordou.

– Falta de educação ter oferecido, então... – Alice ficou brava.

– É falta de educação sentar sem ter sido convidada... – revidou a Lebre.

– Eu nem sabia que a mesa era sua. E lugar tem de sobra.

O Chapeleiro, que estava observando Alice até então, comentou que a menina precisava cortar o cabelo. Ela não gostou do comentário tão pessoal do Chapeleiro.

– Pura falta de educação.

– Por que o corvo é parecido com a escrivaninha? – o Chapeleiro Maluco perguntou, com os olhos arregalados.

Alice ficou toda animada com a pergunta. Afinal, adorava adivinhas!

– Acho que essa eu sei! – ela respondeu, toda contente.

– Então vá dizendo o que pensa... – continuou a Lebre.

– Eu falo, sim… Pelo menos eu penso o que digo… Ah, é a mesma coisa.

– Não é nem um pingo, não! – o Chapeleiro observou. – "Eu vejo o que como" não é igual a "Eu como o que vejo".

– Como também não é a mesma coisa dizer "Eu gosto do que tenho" e "Eu tenho o que gosto".

O Esquilo, com cara de sono e voz para lá de sonolenta, emitiu a sua opinião também:

– "Eu respiro quando durmo" não é a mesma coisa que "Eu durmo quando respiro".

– Para você é a mesma coisa – o Chapeleiro pôs um fim à conversa.

Um silêncio caiu sobre os quatro, quebrado somente por uma pergunta do Chapeleiro Maluco.

– Que dia do mês é hoje? – ele tirou um relógio do bolso, olhando para Alice.

– Hoje é dia quatro.

– Dois dias de diferença! – o Chapeleiro constatou. – Eu disse que a manteiga não ia servir no trabalho – ele estava bravo com a Lebre.

– Mas era a melhor manteiga! – a Lebre respondeu.

– Tudo bem, mas entraram umas migalhas no meio – observou, irritado. – Você misturou tudo na faca de pão.

A Lebre pegou o relógio e, depois de mergulhá-lo no chá, tornou a comentar sobre a boa qualidade da manteiga.

– Que engraçado! – Alice observou o estranho relógio. – Ele mostra o dia do mês, mas não mostra as horas…

– E por acaso o seu relógio mostra o ano? – o Chapeleiro retrucou, entre os dentes.

A menina explicou que o relógio ficava um tempão no mesmo ano.

– O meu também é assim – disse o Chapeleiro.

Alice estava cada vez mais confusa. Pudera! Os comentários do Chapeleiro não tinham o menor significado. De um jeito educado, disse a ele que não o compreendia.

O Esquilo estava cochilando novamente e o Chapeleiro achou que podia acordá-lo, derramando chá em seu focinho.

– Claro… Era o que eu estava tentando lembrar – o bichinho falou sem nem abrir os olhos.

– Já descobriu a adivinha? – o Chapeleiro perguntou à menina.

– Ah, eu desisto. Qual é?

– Não tenho a menor ideia – o Chapeleiro respondeu.

– Muito menos eu – a Lebre acrescentou.

– Vocês podiam aproveitar o tempo de uma forma bem melhor do que com adivinhas sem respostas – Alice sugeriu.

– Se você conhecesse o Tempo como eu… Por falar no Tempo, aposto que nunca falou com ele! – observou o Chapeleiro.

– Eu não entendi o que quis dizer. – A menina estava confusa.

– Duvido que já tenha falado com o Tempo.

– Já bati o tempo durante as aulas de música…

– Como o Tempo não gosta de apanhar, seria melhor se travasse amizade com ele. Se a aula começa às nove horas da manhã, é só você pedir que ele, num segundo, voa para a hora do jantar – o Chapeleiro informou.

– Ia ser bem legal, mas penso que não vou ter fome nesse horário.

– Não teria no começo. Mas esse horário pode durar o tempo que você quiser – disse o Chapeleiro.

– Você faz assim, desse jeito? – indagou Alice.

– Não. Nós brigamos em março (a Lebre estava bem da cabeça à época); nessa ocasião, eu estava cantando no concerto da Rainha de Copas:

Brilha, brilha, bem ao léu,

O morcego lá no céu

… Mas você sabe qual música é essa, não?

O Esquilo, meio dormindo, meio acordado, começou a cantarolar o refrão e só parou porque levou um beliscão.

– Eu nem tinha acabado a primeira estrofe, quando a Rainha ordenou que cortassem minha cabeça. “Ele está matando o Tempo! Cortem a cabeça dele!”

– Credo! – Alice exclamou.

– Foi a partir daí que o Tempo decidiu não fazer mais nada do que eu peço. E é sempre seis da tarde – o Chapeleiro lamentou-se.

– Então essa é a razão desse chá da tarde, com todas essas coisas apropriadas de... chá da tarde?

– Acertou! Como estamos sempre na hora do chá da tarde, não temos tempo de lavar a louça – o Chapeleiro respirou fundo.

– Ah, imagino que precisem mudar de lugar... – Alice arriscou.

– À medida que tomamos o chá e sujamos a louça, trocamos de lugar – explicou o Chapeleiro.

Alice então quis saber o que acontecia quando completavam toda a volta. A Lebre de Março sugeriu que mudassem de assunto, pois aquele a deixava com muito sono. Em seguida, pediu à Alice que contasse uma história. Como Alice não sabia nenhuma, deram alguns beliscões no Esquilo, acordando-o. O Esquilo começou a contar a história de três irmãs. Alice interrompeu-o para fazer uma pergunta e a Lebre de Março, por sua vez, interrompeu Alice com uma outra:

– Por que não toma mais chá?

– Como posso tomar mais chá se eu ainda nem tomei? – a menina irritou-se.

– Você não consegue tomar menos; é mais fácil tomar mais do que não tomar nada – o Chapeleiro deu seu palpite.

Irritada, Alice disse ao Chapeleiro que não havia pedido sua opinião. O Chapeleiro, por sua vez, perguntou:

– Quem está fazendo comentários pessoais agora?

A menina, sem saber qual resposta dar, serviu-se de chá e pão com manteiga. Depois, intrigada com a história que o Esquilo estava contando, indagou:

– Por que as meninas de sua história moravam no fundo de um poço?

– Era um poço de ignorância – o Esquilo respondeu depois de um minuto. Alice, nervosa, respondeu que aquilo não existia. O Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março mandaram que ela ficasse quieta.

– Se não consegue portar-se de forma adequada, termine você mesma a história.

Alice, prometendo não interromper, perguntou novamente:

– O que elas tiravam do poço?

– Melado. As irmãs estavam aprendendo a tirar o melado.

O Chapeleiro interrompeu a história do Esquilo, pois queria que mudassem de assento. Atrás dele, seguiram todos. O Chapeleiro instalou-se no melhor lugar. Alice, que ficou no lugar da Lebre, irritou-se com a troca, pois a Lebre havia derramado leite no pires.

De novo Alice quis retomar a história do Esquilo. Assim, com jeitinho, comentou:

– Não consigo entender de que jeito elas extraem melado do poço.

– Se você tira água de um poço de água, pode tirar melado de um poço de melado, sua… tola! – o Chapeleiro intrometeu-se no relato.

Alice ignorou a indelicadeza do Chapeleiro e perguntou, interessada:

– Mas como é que as irmãs tiravam o melado se estavam no fundo do poço?

– Estavam mesmo. E bem no fundo. Elas aprendiam a puxar melado… – o Esquilo continuou, sonolento que só ele: – As meninas puxaram toda espécie de coisas, tudo o que começa com M…

– Por quê? – Alice ficou curiosa.

– Por que não poderia? – a Lebre retrucou.

Enquanto o Esquilo deu uma cochilada, Alice ficou mudinha.

O Chapeleiro tratou de dar uma beliscada no Esquilo, que acordou e continuou a história:

– … com M, como memória, morcego, Marte e muito, que é o que você tira de muitíssimo, e ainda sobra.

– Eu não penso… – Alice ia começar a dizer algo, mas estava tão confusa!

– Se não pensa, não deve falar – o Chapeleiro a interrompeu.

Como aquela grosseria foi mais do que pôde aguentar, Alice levantou e saiu. O Esquilo caiu no sono e nem o Chapeleiro ou a Lebre de Março notaram a ausência da menina.

Enquanto caminhava, Alice olhava para trás, na esperança que, notando sua falta, a chamassem. Nada feito. Eles tentavam colocar o Esquilo dentro do bule de chá.

"Nunca mais volto lá!", ela pensou. "Foi o chá mais estúpido em toda a minha vida!", concluiu.

Tão logo pensou isso, parou em frente a uma porta cravada no tronco de uma árvore.

"Esquisito!" Mesmo assim, decidiu entrar.

De novo, a menina estava no salão bem comprido, cheio de portas, com a mesa de vidro e a chave dourada. Desta vez, foi mais esperta: em primeiro lugar pegou a chave e abriu a porta que levava ao jardim; depois comeu vários pedacinhos do cogumelo que estava em seu bolso até ficar com trinta centímetros de altura. Finalmente passou pela porta e chegou ao lindo jardim, cercado de canteiros e fontes refrescantes.

A Rainha e seu campo de croqué

A grande roseira à entrada do jardim estava carregada de rosas brancas. No entanto, três jardineiros em formato de cartas de baralho encarregavam-se de pintá-las de vermelho. Curiosa, Alice aproximou-se.

– Tome cuidado, Cinco! Não espirre tinta pra cima de mim desse jeito!

– Não teve jeito! O Sete esbarrou no meu cotovelo! – o Cinco retrucou, de mau humor.

– Sempre jogando a culpa nos outros, Cinco! Tudo bem… – o Sete comentou.

– É melhor não dizer nada! – disse o Cinco. – A Rainha falou que você merece ser decapitado!

– Por quê? – o Dois quis saber.

– Não é da sua conta, Dois – o Sete respondeu.

– É claro que é da conta dele! – o Cinco exclamou. – Eu conto o motivo: é porque ao invés de cebolas, ele levou bulbos de tulipa para a cozinheira.

O Sete jogou o pincel no chão e já começava a falar quando avistou Alice. Quando os outros a viram, eles se inclinaram, cumprimentando-a.

– Por que estão pintando essas rosas? – ela perguntou.

– É que plantamos uma roseira branca no lugar de uma vermelha. Se a Rainha descobrir, vai cortar nossas cabeças. Então, estamos fazendo o possível para…

– A Rainha! A Rainha! – o Cinco, que estava vigiando, avisou.

Os três jardineiros jogaram-se de cara no chão, à chegada do cortejo.

Alice viu dez soldados carregando tacos; eles tinham o corpo também em formato de cartas e suas mãos e pés saíam dos cantos. Então, dez cortesãos em Ouros, em duplas como os soldados; depois dez crianças reais, pulando de mãos dadas, em Copas. Em seguida, os convidados,

em sua maioria Reis e Damas. Alice reconheceu o Coelho Branco entre eles.

"De tão agitado que estava nem me reconheceu!", Alice pensou.

O Valete de Copas seguia atrás, carregando a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho. Finalmente, vieram o Rei e a Rainha de Copas.

"Qual a razão de um cortejo, se as pessoas ficam ajoelhadas com o rosto no chão e nada conseguem ver?", e decidiu ficar como estava.

Ao passarem por ela, a rainha indagou toda séria ao Valete de Copas:

– Quem é essa aqui?

Como não teve resposta, ela perguntou à própria Alice:

– Qual o seu nome, criança?

– Meu nome é Alice, majestade.

"Pra quê ter medo deles se não passam de cartas de baralho?", pensou.

Em seguida, a Rainha apontou para os três jardineiros, ainda deitados, querendo saber quem eram. A corajosa Alice respondeu que não era de sua conta. A Rainha, furiosa, passou a gritar:

– Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe a cabeça!

– Que absurdo! – Alice exclamou.

– Ela é apenas uma criança, querida! – o Rei sussurrou à Rainha.

A Rainha afastou-se e ordenou, com raiva, aos jardineiros, ainda no chão:

– Fiquem em pé!

Os jardineiros obedeceram na mesma hora e passaram a fazer reverências, cumprimentando todo mundo.

– Parem! – a Rainha gritou. – O que vocês fizeram aqui? – ela parou em frente à roseira.

– Para agradar Vossa Alteza, estávamos tentando… – ainda ajoelhado, o Dois começou a falar.

A Rainha deu uma olhada nas rosas e foi logo ordenando:

– Cortem as cabeças deles!

O cortejo continuou seu percurso, com o Rei e a Rainha à frente, enquanto três soldados ficaram atrás para cumprir as ordens reais. Os jardineiros correram junto à menina, pedindo-lhe proteção. Alice imediatamente escondeu-os num vaso bem grande que havia por perto. Como os soldados não os encontraram, foram atrás do cortejo.

– Cortaram as cabeças deles? – a rainha indagou, aos brados, gritos e berros.

– Sim, majestade – eles gritaram, berrando de volta.

– Muito bem! Você sabe jogar croqué? – ela perguntou à Alice.

A menina respondeu que sabia e a Rainha então ordenou que Alice se juntasse a eles.

– Lindo dia, não? – ouviu um comentário bem ao lado. Alice levou um susto! Era o Coelho Branco.

– Muito lindo! – a menina respondeu. – Onde está a Duquesa?

O Coelho Branco fez sinal de silêncio e a menina entendeu que devia ficar quieta. Então, na ponta dos pés e aproximando-se do ouvido de Alice, ele contou que ela fora condenada à morte por ter esmurrado as orelhas da rainha. A menina não pôde deixar de rir.

– Tomem os seus lugares! O jogo vai começar! – gritou a Rainha.

As pessoas começaram a correr na mesma hora, esbarrando umas nas outras. Só depois de dois minutos é que a partida teve início.

"Nossa, que jogo curioso!", Alice nunca viu um campo de croqué com tantas saliências. Imagine só: utilizavam ouriços, em carne, osso e espinho como bolas; flamingos eram usados como tacos e, no lugar de arcos, soldados dobrados. Alice até que conseguiu segurar o flamingo; mas a cada vez que ajeitava a cabeça da ave para acertar o ouriço, o flamingo virava a cabeça e olhava pra ela. A menina não aguentava e caía na risada. Na tentativa seguinte, o ouriço se desenrolava e fugia. Como os "arcos" ficavam em pé a todo instante e corriam para cá e para lá, Alice concluiu que aquele era mesmo um jogo difícil. Os jogadores não esperavam sua vez, discutiam entre si e brigavam o tempo todo

pelos ouriços; fora isso, a Rainha ordenava a todo instante:

– Cortem a cabeça dele!

"Eu não briguei com a Rainha até agora… Mas e se ela decidir cortar a minha cabeça também?", Alice, preocupada com o que pudesse lhe acontecer, resolveu sair dali. Pensava num meio de escapar sem ser vista, quando notou algo estranho no ar… Era o sorriso do Gato de Cheshire! "Agora eu tenho com quem conversar!", pensou.

– Como vai? – o Gato, quer dizer, a boca do Gato perguntou.

Alice ficou esperando até que se juntassem os olhos, as orelhas e boca, pois partes separadas do Gato não entenderiam nem um miado. Depois de um minutinho, cabeça inteira no ar, Alice colocou o flamingo de lado e começou a contar sobre o jogo de croqué.

– Eles não jogam limpo. Discutem de uma maneira horrível e nem dá para escutar alguém falar no meio do jogo. Eles não seguem as regras… uma tremenda confusão! Você não faz ideia do que é jogar com animais vivos… Quando você vai acertar no arco, ele sai do lugar… Isso quando a bola não foge, correndo…

– Gostou da Rainha? – o Gato perguntou, em voz baixa.

– De modo algum! Ela é incrivelmente… – Alice parou de falar quando percebeu que a Rainha estava pertinho dela, e bem atenta à conversa – … boa no jogo e vence todas as partidas.

– Com quem você está falando? – o Rei indagou, olhando para o Gato. A Rainha seguiu adiante, sorrindo.

– É um amigo, o Gato de Cheshire. Deixe-me apresentá-lo.

– Não gosto do aspecto dele! Mas se ele quiser, pode beijar minha mão – o Rei ofereceu.

– Melhor não – recusou o Gato.

– Que atrevimento! – o Rei exclamou. – E não me olhe desse jeito! – ele ficou atrás de Alice enquanto falava.

– Li num livro que gatos podem olhar para o Rei – comentou Alice.

– Pois o Gato vai ter que sair daqui – o Rei, decidido, chamou a Rainha. – Querida! Acabe com esse Gato!

– Cortem a cabeça dele! – a Rainha ordenou, pois era assim que sempre fazia.

O Rei saiu à procura do carrasco e Alice voltou ao jogo. Assim que entrou, ouviu os gritos da Rainha, sentenciando à morte três jogadores. A menina, sem saber se era sua vez de jogar ou não, saiu à procura do ouriço, mas ele estava brigando com outro ouriço. Seu taco, quer dizer, seu flamingo, tinha corrido em direção ao jardim. Quando conseguiu recuperá-lo, os ouriços tinham sumido do campo. Com o Flamingo bem preso embaixo do braço, a menina voltou a conversar com o Gato. Em volta dele, o Rei, a Rainha, o carrasco e uma multidão. E um bate-boca interminável! Alice ouviu atenta que o carrasco não podia cortar a cabeça de um Gato sem corpo; quanto ao Rei, seu argumento era que tudo que tinha cabeça podia ser cortado (presa a um corpo ou não); o raciocínio da Rainha era que se não resolvessem logo aquele assunto, mandaria cortar as cabeças à sua volta.

– Por que não pergunta à Duquesa? O Gato é dela! – foi a melhor resposta que Alice pôde arrumar.

A Rainha lembrou que a Duquesa estava na prisão e ordenou que fossem buscá-la. Enquanto o carrasco saía em disparada, a cabeça do Gato começou a desaparecer. Quando o carrasco voltou trazendo a Duquesa, já não havia mais nada ali. O Rei e o carrasco procuraram por todo canto, enquanto o restante do cortejo decidiu voltar ao jogo.

A Tartaruga Falsa

Tão logo a Duquesa chegou, foi pegando o braço de Alice:

– Estou muito contente em revê-la!

"Vai ver foi a pimenta que a deixou tão bruta aquele dia na cozinha!" A menina ficou aliviada com o bom humor da Duquesa. "Quando eu me tornar uma Duquesa, não vou ter pimenta na minha cozinha. Talvez seja isso que deixa as pessoas com a cabeça quente... E o vinagre as torna azedas... E ficam amargas por causa da camomila... Mas o caramelo adoça as crianças...", a menina pensou várias vezes, se é que pensar tantas coisas ao mesmo tempo também não deixava a cabeça quente.

– Você esquece de falar quando pensa em alguma coisa, Alice. Daqui a pouco vou saber a moral disso... – a Duquesa observou.

– Talvez nem tenha moral – Alice respondeu.

– Sempre tem, é só a gente procurar.

Alice não gostou quando a Duquesa enfiou o queixo pontudo em seu ombro. Além do mais, a Duquesa era muito, muito feia!

– Agora o jogo está bem melhor! – Alice comentou, tentando mais um dedinho de prosa.

– É verdade... E a moral disso é que é o amor que faz o mundo girar.

– Cada um que cuide de si – Alice retrucou.

– Dá no mesmo! – disse a Duquesa. – E a moral é "Cuide do sentido e os sons cuidarão de si mesmos". Eu estou na dúvida se passo o braço em volta da sua cintura, Alice... Será que seu flamingo é temperamental? – ela perguntou.

– Ele pode bicar... – Alice ficou receosa.

– É verdade... – a Duquesa concordou. – Flamingos e mostarda bicam. Mais um ditado: "Pássaros da mesma espécie voam juntos".

– Mas mostarda não é ave.

– Certo. Você tem mesmo uma mania clara de colocar as coisas!

– Acho que mostarda é vegetal.

A Duquesa concordou com Alice, mas ela parecia concordar com tudo mesmo. Quando ia dizer um outro ditado, sua voz foi sumindo, sumindo… E ela começou a tremer. Alice olhou e viu a Rainha, braços cruzados e cara horrível! A Duquesa a cumprimentou e a Rainha respondeu, aos berros:

– Escolha agora mesmo: ou você ou sua cabeça vai ter que cair fora!

A Duquesa saiu o mais rápido que pôde.

– Vamos continuar com o jogo – a Rainha chamou Alice, e a menina, assustada demais para falar, resolveu segui-la até o campo de croqué.

Na ausência da soberana, os convidados tinham aproveitado para descansar embaixo de uma árvore; quando a viram, voltaram ao jogo

correndo, temendo por suas vidas. Como de costume, ela gritava a todo o momento que cortassem as cabeças dos jogadores. Para escoltar os sentenciados, os soldados largaram seus postos de arco. Dessa forma, só escaparam da execução os próprios reis e Alice.

– Você já viu a Tartaruga Falsa? – a Rainha perguntou à menina.

– Não, nunca vi, ouvi falar e nem sei o que significa uma Tartaruga Falsa.

– Venha comigo... Ela mesma vai contar sua história.

Enquanto Alice seguia a Rainha, notou que o Rei concedia o perdão real a todos os jogadores.

"Que alívio!", suspirou. Não demorou muito e avistaram um Grifo. Ele estava dormindo, sob os raios do Sol. (Se nunca viu um Grifo, dê uma espiada no desenho logo adiante...)

– Acorde, preguiçoso... E leve esta mocinha até a Tartaruga Falsa para ouvir sua história – a Rainha voltou para assistir às execuções que havia ordenado.

Alice não achou a menor graça na aparência do Grifo, mas pensou que era mais seguro ficar com ele do que com a Rainha. O Grifo sentou, esfregou os olhos e esperou até que a Rainha sumisse de vista, para então dar uma risadinha:

– Que engraçado!

– O quê? – Alice quis saber.

– Ela, oras bolas! Tudo imaginação da rainha! Ela nunca executa ninguém. Venha comigo!

Alice, mesmo enjoada de receber tantas ordens, obedeceu. Não muito longe, avistaram a Tartaruga Falsa, toda quieta, sentada numa pedra. Quando chegaram perto, deu para perceber que ela soluçava de tanta tristeza. Alice quis saber o motivo e o Grifo respondeu que era tudo imaginação da Tartaruga.

– Conte sua história a esta jovem... – o Grifo pediu.

– Eu contarei. Mas não me interrompam. Podem sentar-se. – A Tartaruga Falsa começou, entre um suspiro, um soluço e uma lágrima: – Antigamente eu era uma verdadeira Tartaruga... – ela interrompeu para outro suspiro, mais soluços e lágrimas.

Alice teve vontade de ir embora, mas a curiosidade para descobrir o

final da história foi maior e ela acabou ficando.

– Quando éramos pequenos, íamos para a escola do mar. Nossa professora era uma Tartaruga bem idosa, a qual apelidávamos Jabuti. Frequentávamos a escola do mar diariamente, acredite ou não…

– E quem disse que eu não acredito? – Alice respondeu com outra pergunta. – Eu também ia à escola todo dia.

O Grifo chamou a atenção de Alice pela pergunta e apressou a Tartaruga. Assim, ela retomou a história. Ou fez que retomou.

– Mas você aprende outras matérias? – a Tartaruga quis saber.

– Sim, senhora… Francês e Música.

– Lavar roupa também?

Alice ficou indignada com a pergunta. Imagine se alguém ia dar aula de lavar roupa na escola!

– Pois então a sua escola não foi boa, não! – a Tartaruga acrescentou que a escola do mar tinha aulas extras de francês, música e lavanderia.

– Não sei pra que, se quem mora no fundo do mar nem lava roupa… – a menina retrucou.

– Eu não podia pagar os cursos extras, então frequentei só as aulas normais.

– E quais eram?

– Enroler e retorscrer para começar, é claro… E as quatro operações matemáticas: ambição, distração, enfeiação e enzombação.

– O que vem a ser "enfeiação"?

– Nossa, sabe pelo menos o que é embelezar, não sabe? – surpreso, o Grifo até levantou as garras.

Sim, Alice sabia. "Embelezar" significava tornar mais bonito.

– Pois então. Se sabe um e não sabe o contrário, é mesmo uma tonta.

Alice decidiu não perguntar mais nada. Em seguida, virando-se para a Tartaruga, perguntou o que mais ela tinha aprendido.

– Tive lições de mistério antigo e moderno, geogramar e enrolenho. A professora de enrolenho era uma enguia que dava aula uma vez por semana. Ela nos ensinou a enrolar, esticar e desmaiar em espirais.

– De que jeito?

– Ah, não consigo mostrar porque meu corpo é muito duro.

– E quantas horas de aula tinham por dia?

– Dez horas no primeiro dia, nove no segundo e assim por diante. – explicou a Tartaruga.

– Bem diferente! – exclamou a menina, concluindo que aquele era um modo bem mais rápido de começar as férias.

– O feriado então era no décimo primeiro dia? – Alice quis se certificar.

– Isso mesmo – a Tartaruga respondeu.

Quando a menina quis saber acerca do décimo segundo dia, o Grifo mudou de assunto, pedindo à Tartaruga que contasse sobre os jogos.

Uma quadrilha de lagostas

A Tartaruga deu um suspiro, dois soluços e derramou algumas lágrimas. Em seguida, engoliu no molhado e retomou a história.

– Não sei se você já morou embaixo do mar… – começou.

– Não, nunquinha – Alice tratou de responder.

– Não deve nem saber como são as lagostas…

– Uma vez eu… – a menina ia responder que já tinha experimentado uma lagosta no jantar, mas achou melhor nada dizer. – Não, nunquinha duas vezes – corrigiu a tempo.

– Então não imagina a delícia que é uma Quadrilha de Lagostas.

– Que tipo de dança é essa? – ela perguntou, curiosa.

– É necessário formar uma fila ao longo da praia – o Grifo entrou no meio da conversa.

A Tartaruga completou que eram necessárias duas filas, com focas, tartarugas, salmões... Depois, tirar as águas-vivas do caminho, deixando-o limpo. O Grifo tomou a palavra, explicando:

– Pegue uma lagosta e dê dois passos à frente.

– É, cada qual com uma lagosta como acompanhante – completou a Tartaruga.

– Dê dois passos para frente, troque de lagosta e volte para trás – falou o Grifo, entusiasmado.

– Daí você joga as lagostas o mais longe que puder… – a Tartaruga estava empolgadíssima.

– E sai nadando atrás!

– É, e faz uma cambalhota no mar! – a Tartaruga exclamou.

– Volte para a praia e troque de lagosta outra vez – foi a vez do Grifo, gritando ao máximo.

Depois disso, os dois perderam o ânimo e voltaram aos seus lugares. Alice elogiou a explicação e os dois se ofereceram para mostrar à menina um pouco da dança. A Tartaruga Falsa começou a cantar, pois o Grifo tinha esquecido a letra. Eles dançaram em volta de Alice e quando passavam perto demais da menina, tropeçavam em seus pés. A Tartaruga Falsa cantava e marcava o tempo. Mas cantava de forma lenta e triste. Quando a dança terminou, Alice aplaudiu, dizendo:

– Gostei muito, principalmente da parte do peixe! Sempre vejo no jan… – a menina interrompeu o que ia dizendo.

– Se você já viu, deve saber como são… – a Tartaruga comentou.

– Eles têm o rabo na boca e farinha de rosca em volta do corpo… respondeu Alice sem muita certeza.

– Você tem razão quanto a ter o rabo na boca, mas errada quanto à farinha. Se entram no mar, a água lava a farinha do corpo. Diga a ela o motivo do rabo na boca – a Tartaruga pediu ao Grifo.

– Acontece que quando as lagostas dançavam com os peixes, elas os atiravam no mar, para bem longe. Para isso não se repetir, enfiaram o rabo no meio da boca. Sem rabo, sem lançamento ao mar, entendeu?

– Nossa, que esclarecimento interessante! Tem algo mais para contar sobre esses peixes?

– Sabe por que são chamados peixes? Porque nadam em “feixes” – o Grifo respondeu, em tom solene.

– Peixes em feixes… Peixes em feixes… – Alice repetiu, em dúvida.

– E nadam sem sair do eixo – o Grifo deu mais uma explicação, além de falar do seixo do mar, do queixo, da barbicha e do rabicho do peixe.

A menina, impressionada, repetia cada palavra.

– Você não tem histórias para contar? – ele pediu que Alice relatasse suas aventuras.

– Acho que posso começar com as coisas que ocorreram comigo hoje de manhã… Porque ontem eu era uma menina diferente… – Alice ficou aflita, pois tanto a Tartaruga Falsa como o Grifo estavam quase colados nela. Mas, tomando coragem, seguiu adiante, até a parte em que encontrou a Lagarta e não conseguiu recitar a poesia "Você está velho, papai", pois saía tudo diferente.

– Que coisa curiosa! – a Tartaruga Falsa comentou.

– Põe curiosa e curioso nisso! – o Grifo completou.

– Não conseguiu recitar porque as palavras ficavam diferentes… Pode pedir à jovem que tente de novo? – a Tartaruga pediu ao Grifo, como se ele mandasse em Alice.

– Recite "A voz da indisposta" – o Grifo ordenou.

"Como esses dois gostam de dar ordens!", e Alice começou a recitar:

A lagosta reclamou
Ter passado do seu tom,
Fiquei toda marrom!
Agora vou tentar
Meu cabelo açucarar.

Mas como ficou com a quadrilha das lagostas dançando e martelando dentro de sua cabeça, trocou a palavra indisposta por lagosta e outras errou ainda mais.

– Nossa, bem diferente da versão que aprendi quando era criança – comentou o Grifo.

– Nunca ouvi antes, mas parece sem pé, perna ou cabeça. Será que ela consegue explicar melhor? – a Tartaruga Falsa pediu.

– De jeito nenhum. Continue recitando – o Grifo parecia apressado.

Alice continuou, mesmo sabendo que os versos sairiam errados. A Tartaruga Falsa reclamou que de nada servia repetir versos tão confusos. O Grifo concordou com ela. Era tudo o que Alice queria… Parar com a recitação-sem-noção.

– Quer ver a gente ensaiar a Quadrilha das Lagostas de novo? Ou

prefere que a Tartaruga cante mais uma música? – o Grifo ofereceu.

– Gostaria muito que a Tartaruga cantasse… – Alice pediu.

O Grifo ficou três-quartos ofendido, mas pediu que a amiga cantasse a "Sopa de tartaruga". A colega deu dois suspiros, um leve e um profundo, para então começar:

A sopa da noite está na terrina,

Divina, gostosa,

É tão saborosa!

Sopa da noite, sopa divina,

Sopa divina… Sooooopa da noiiiiite,

sooooopa diviiiiina…

A Tartaruga já ia repetir o refrão quando, ao longe, ouviram o aviso de que o julgamento ia começar.

– Vamos! – o Grifo puxou Alice pela mão.

– O que aconteceu? Que julgamento é esse? – a menina quis saber, enquanto era levada dali. Mas o Grifo somente pedia que ela corresse. E o mais rápido possível!

De longe, ainda podiam ouvir a voz e o ritmo lento da Tartaruga cantando a música da sopa.

Quem roubou as tortas?

O Rei e Rainha de copas já estavam acomodados em seus tronos quando Alice e o Grifo chegaram. Uma multidão de bichos e aves, além de um baralho inteirinho de cartas, se apinhocava ao redor dos reis. O Valete de Copas estava na frente deles, acorrentado, sendo vigiado por dois soldados, um de cada lado. O Coelho Branco estava ao lado do Rei, segurando um trompete com uma das mãos e um pergaminho na outra. No centro do tribunal havia uma mesa, com uma bandeja grande, cheia de tortas.

"Hum, devem estar uma delícia!", Alice pensou, pra lá de morta de fome. "Tomara que o julgamento termine logo e sirvam os refrescos e as tortas!"

Mas como a chance disso acontecer era bem pequena, Alice resolveu observar tudo bem atentamente. Apesar de nunca ter estado em um tribunal anteriormente, sabia como era por causa dos livros que lera. Assim, reconheceu as funções de quase todos na enorme sala. “O Rei só pode ser o juiz, porque está vestindo toga e usando uma coroa em cima da peruca!”, disse a si mesma. “Olha lá o banco dos jurados… E as doze criaturas.” Decidiu pensar “criaturas” porque alguns deles se dividiam entre animais e pássaros. Alice sentiu orgulho, pois poucas meninas saberiam o significado de “jurado” na sua idade. Intrigada com os jurados que escreviam em pequenas lousas, perguntou ao Grifo:

– O que eles estão fazendo?

– Estão escrevendo seus nomes para não esquecer deles até o final do julgamento… – ele sussurrou.

– Criaturas estúpidas! – Alice exclamou em voz alta, ficando quieta

em seguida, com a ordem do Coelho Branco:

– Silêncio no tribunal!

O Rei colocou os óculos, pois queria ver melhor quem havia falado em voz alta. Alice aproveitou e deu uma espiada por cima dos ombros, lendo o que os jurados tinham escrito em suas lousas: "criaturas estúpidas". Notou também que um deles, não sabendo escrever direito, pediu ajuda ao vizinho.

– Promotor, leia a acusação! – o Rei ordenou.

Para chamar a atenção dos presentes, o Coelho Branco tocou o trompete três vezes. Depois, desenrolou o pergaminho, dizendo:

Num belo dia de verão,
A Rainha fez as tortas;
O Valete de Copas
Roubou as tortas...
Quanta decepção!

– Já chegaram a um veredito? – o Rei perguntou ao júri.

– Ainda não! – exclamou o Coelho Branco, meio intrometido. – Precisamos ouvir as testemunhas.

O Rei concordou e o Coelho Branco anunciou, com seu trompete, a primeira testemunha, que era o Chapeleiro. Ele entrou na sala com uma xícara de chá numa das mãos; na outra um pedaço de pão com manteiga.

– Desculpe por me apresentar desta forma, majestade... É que quando fui convocado, estava tomando o meu chá.

– Mas devia ter acabado – disse o Rei. – Quando você começou?

O Chapeleiro deu uma olhada com o cantinho do olho para a Lebre de Março, que estava de braço dado com o Esquilo.

– Creio que no dia catorze de abril – o Chapeleiro respondeu.

– Dia quinze – a Lebre desmentiu.

– Dia dezesseis – o Esquilo desmentiu o Chapeleiro e a Lebre.

O Rei pediu que os jurados anotassem as datas em suas lousas. Os jurados não só anotaram as datas como efetuaram sua soma.

– Tire o seu chapéu! – o Rei ordenou.

– Ele não é meu! – respondeu o Chapeleiro.

– Foi roubado! – o Rei exclamou, olhando para os jurados.

– Eu trouxe o chapéu para vender. Eu não possuo nenhum chapéu… Eu os vendo. Sou um chapeleiro, majestade – tentou explicar.

A Rainha colocou os óculos para enxergar melhor o acusado. O homem ficou pálido, tremendo de medo.

– Dê o seu depoimento, vamos… Sem nervosismo, caso contrário mandarei executá-lo aqui mesmo – disse o Rei.

Mais nervoso ainda, o Chapeleiro acabou dando uma dentada na xícara de chá em vez de morder o pão com manteiga.

Exatamente nessa hora, Alice sentiu uma sensação muito curiosa… Ela estava crescendo de novo e começava a espremer o Esquilo.

– Eu queria que você parasse de me apertar… Não dá nem pra respirar! – o Esquilo reclamou.

– Não é minha culpa… Estou crescendo, sabia? – a menina respondeu.

– Aqui você não pode crescer.

– Que tolice! Você também está crescendo.

– Mas cresço normalmente – ele colocou um ponto final em seu crescimento.

Enquanto isso, a Rainha, que mantinha os olhos no Chapeleiro, pediu a um de seus guardas:

– Traga-me a lista dos que cantaram no último concerto.

O medo do Chapeleiro foi tanto que até seus sapatos, tremendo, deixaram os pés para trás.

– Conte tudo o que sabe… – o Rei começou a dizer. – Caso contrário, mandarei executá-lo!

– Majestade, sou um homem pobre… Há menos de uma semana eu estava tomando o meu chá e a fatia de pão era tão fina e a manteiga era só um quase nada… A Lebre então disse que… – o Chapeleiro, com a voz ainda trêmula, começou a falar.

– Eu não falei nada de nada! – a Lebre deu um salto e um grito.

– Falou, sim! – o Chapeleiro retrucou.

– Então eu nego tudo! – disse a Lebre.

O Rei ordenou que omitissem aquela parte do depoimento.

– O Esquilo também disse… – o Chapeleiro olhou em direção a ele, morrendo de medo que ele negasse sua afirmação. Mas o Esquilo em nada modificou o que o Chapeleiro disse, pois nada poderia dizer dormindo.

– Então, cortei uma fatia de pão… – o Chapeleiro continuou.

Um dos jurados o interrompeu, querendo saber o que o Esquilo havia dito. Como o Chapeleiro não se lembrava, o Rei, mais irritado ainda, ordenou que ele saísse da sala de julgamento. E bem rapidamente!

A Rainha, que àquele momento lia a lista dos cantores do último concerto, gritou aos soldados que cortassem a cabeça do Chapeleiro. Mas o Chapeleiro e seus saltitantes sapatos já estavam bem longe dali.

A segunda testemunha foi chamada. Era a cozinheira da Duquesa, com um pacotinho de pimenta na mão. Mal entrou e as pessoas próximas à porta começaram a espirrar.

– Conte tudo o que sabe – disse o rei.

– Não posso, não – respondeu a cozinheira.

O Rei olhou para o Coelho Branco, que disse em voz baixa:

– O senhor pode fazer outras perguntas à cozinheira, majestade.

– As tortas são feitas de quê, exatamente? – perguntou, de cara fechada.

– De pimenta, principalmente – a cozinheira respondeu.

– De melado! – o Esquilo, meio acordado, um quinto dormindo, exclamou.

– Peguem aquele esquilo! – a Rainha ficou furiosa com o palpite. – Cortem a sua cabeça e arranquem seus bigodes! – ordenou.

E uma enorme confusão se abateu no tribunal. Quando tudo parecia ter voltado ao normal, procuraram pela cozinheira… Mas ela já havia escapado!

– Não tem importância! Ficamos livres daquela pimenta! – O Rei ordenou que a testemunha entrasse e, em seguida, alegando dor de cabeça, pediu à Rainha que o substituísse na interrogação.

O Coelho Branco olhou o pergaminho atentamente. E, para a surpresa da menina, com sua voz estridente, ele gritou:

– Alice!

Alice e seu depoimento

Eu estou aqui! – Alice gritou. E, completamente esquecida do quanto havia aumentado de tamanho, deu um pulo. A barra de seu vestido, gigantesca, derrubou os jurados no chão.

"Nossa, ficaram espalhados como o peixinho dourado que deixei cair outro dia, sem querer, do aquário!" Ela começou a colocá-los de volta em seus lugares, pedindo desculpas.

O Rei avisou que o julgamento não podia continuar, pois os jurados não estavam exatamente nos seus devidos lugares. Foi aí que Alice notou que tinha posto o lagarto de ponta cabeça e correu para desvirá-lo.

"Pronto... Desvirei. Mas não acho que o julgamento vá mudar em nada por causa disso!", concluiu.

Os jurados voltaram a fazer suas anotações sobre o roubo das tortas, exceto o lagarto, que parecia ainda meio atrapalhado com o vira-e-desvira.

– O que você sabe a respeito do caso? –o Rei perguntou à Alice.

– Nadinha de nada – a menina respondeu.

– Nada, realmente?

– De nada.

– Isso é muito importante – disse o Rei, olhando para os jurados.

Os jurados já seguiam anotando quando o Coelho Branco interrompeu, dizendo:

– Sua Majestade quer dizer "desimportante", é claro!

– É isso mesmo o que eu quero dizer: desimportante – e passou a repetir para si mesmo, importante... desimportante... Como se assim conseguisse descobrir qual palavra soava melhor.

Alice deu uma espiada com o cantinho do olho e viu que enquanto alguns jurados anotaram o termo "importante", outros escreveram

“desimportante”.

“Isso não muda o julgamento em nada!”, concluiu.

O Rei, que até então estava anotando tudo em seu caderno real de anotações, gritou:

– Silêncio! Artigo quarenta e dois: “As pessoas com mais de um quilômetro e seiscentos metros de altura devem deixar o recinto do tribunal!”

Todos olharam para Alice.

– Eu não tenho um quilômetro e seiscentos metros de altura.

– Tem sim! – o Rei afirmou.

– Você tem quase o dobro disso – a Rainha acrescentou.

– Eu não vou sair daqui. E esse nem é um artigo de verdade… O senhor acabou de inventar.

– É o artigo mais antigo do livro – o Rei defendeu-se.

– Então devia ser o artigo número um – Alice revidou.

Pálido, o Rei anotou o comentário em seu caderno muito real e, fechando-o em seguida, avisou os jurados:

– O veredito, por favor.

– Sua Excelência, há mais provas a serem examinadas – e o Coelho Branco mostrou um papel.

– O que há nesse papel? – indagou a Rainha.

– Eu ainda não o abri, mas parece ser uma carta escrita pelo próprio prisioneiro… Para alguém… – disse o Coelho Branco.

– A quem é endereçada? – indagou um dos jurados.

– A ninguém em especial. Na verdade… – o Coelho foi abrindo o papel – … não tem nada escrito do lado de fora e… Ah, versos do lado de dentro.

– A letra é do prisioneiro, o Valete de Copas? – um dos jurados quis saber.

– Não – respondeu o Coelho.

– Então ele deve ter imitado a letra de outra pessoa – o Rei observou.

– Majestade, por favor, eu não escrevi essa carta… Eles não podem provar porque nem assinatura há! – o Valete de Copas tentou

argumentar.

– Se você não assinou, as coisas vão ficar ainda piores. Você devia estar mal-intencionado – apontou o Rei. – Caso contrário, teria assinado, como um homem honesto.

O único comentário sábio do Rei foi aplaudido por todos.

– Isso não prova que ele é culpado! Vocês nem sabem sobre o que os versos são! – Alice gritou, pois não ia mais aguentar tanta bobagem.

– Leia os versos – o Rei ordenou.

Depois de colocar os óculos, o Coelho Branco começou:

Disseram-me que você foi falar com ela
E que falou a ele de mim;
Ela disse que eu tenho um bom caráter,
Mas não sei nadar.
Garantiu que eu não fui,
(Tanto eu como você sabemos que é verdade)
Mas se ela insistir, o que será de você?
Dei uma a ela,
Deram duas a ele,
Você nos deu três ou mais;
Ele devolveu todas pra você, apesar de antes ter sido todas minhas.
Se eu ou ele formos envolvidos neste caso,
Ele confia que você o liberte,
Do mesmo jeito que aconteceu conosco.
Eu pensava que você tinha sido
(Antes de ela ter esse ataque)
Mais um estorvo entre ele, nós e aquilo.
Não deixe que ele saiba que ela gostava mais deles,
Isso tem de ser um segredo entre você e eu.

– Esta prova é a mais evidente que já vi! – o Rei concluiu. – Os jurados podem dar o seu…

– Quem conseguir explicar, até pode! – Alice, que já tinha crescido

mais do que o suficiente para ter medo de alguém, interrompeu o Rei.

– Se não há sentido nisto, evita-se o transtorno de procurá-lo.

Mesmo assim, o Rei ficou repetindo as frases, tentando encontrar alguma prova nas entrelinhas. "Tanto eu como você sabemos que é verdade", refere-se aos jurados... "Dei uma a ela, deram duas a ele..." Hum, deve ser o que ele resolveu fazer com as tortas... – o Rei concluiu.

– Mas depois ele diz que "... devolveu todas pra você, apesar de antes ter sido todas minhas" – Alice respondeu.

– Pronto, veja só onde elas estão! – apontou o Rei, todo triunfante, para as tortas sobre a mesa. – Nada pode ser mais claro do que isso. Quanto à frase: "Antes de ela ter esse ataque...", você nunca teve ataques, não é, querida? – ele perguntou à Rainha.

– Nunquinha, marido! – a Rainha, furiosa, jogou um tinteiro no Lagarto.

– Os jurados podem dar o seu veredito – disse o Rei pela vigésima primeira vez.

– Não! A condenação primeiro, depois o veredito – ordenou a Rainha.

– Que coisa mais absurda dar a sentença primeiro! – Alice exclamou.

– Morda a língua antes de falar! – a Rainha ficou roxa-púrpura-violeta de puro ódio.

– Mordo nada! – a menina respondeu.

– Cortem a cabeça dela! – A rainha berrou no último grau da escala de berros, mas ninguém moveu uma pena. Ou bico. Ou pata. Ou levantou um pelo.

– Quem se importa com vocês? – Alice tinha voltado ao seu tamanho natural. Vocês são só um punhado de cartas de baralho!

Nisso, todas as cartas voaram na direção de Alice, que deu um grito, misto de susto e raiva. Tentou então combater o ataque das cartas, golpeando-as com as mãos... E viu-se deitada no banco do jardim do começo dessa história, com sua cabeça no colo da irmã, que tirava de seu rosto as folhas secas caídas das árvores.

– Acorde, Alice! Que sono mais comprido foi esse?

– Nossa, eu tive um sonho tão esquisito! – Alice contou à irmã as estranhas aventuras das quais lembrava.

Quando terminou, sua irmã a beijou, dizendo:

– Você teve um sonho bem estranho, querida… Mas já está ficando tarde e é hora de tomar chá. Vamos, vá correndo, sem demora!

Alice levantou-se e, enquanto corria, pensava no sonho maravilhoso que havia tido. Sua irmã, cabeça apoiada nas mãos, assistindo ao lindo pôr-do-sol, ficou pensando na Alice e em suas aventuras extraordinárias… Aventuras que ela também começou a sonhar, assim, deste jeito:

Alice surgiu, mãos pequenas abraçando os joelhos, olhos brilhantes olhando-a com curiosidade, o cabelo teimando em cair nos olhos. Enquanto escutava – ou parecia escutar – uma história, o lugar ao redor se encheu de criaturas estranhas… As mesmas do sonho de sua irmãzinha. O Coelho Branco logo surgiu, apressado. E espirrou água, assustando o Rato, que nadava numa poça d'água. Dali ouviu o barulho que faziam as xícaras de chá da Lebre de Março e seus amigos durante o chá da tarde. E também a voz estridente da Rainha que ordenava: "Cortem sua cabeça!"; e o bebê-porco ou o porco-bebê espirrando por causa da pimenta; e o grito do Grifo; os suspiros e soluços da Tartaruga Falsa. Sentada e de olhos fechados, chegou quase a acreditar que estava no País das Maravilhas. Mas sabia que ao abri-los novamente encontraria a realidade chata e monótona… A grama estaria apenas sussurrando ao vento, o barulho das xícaras era tão-somente os sinos presos aos pescoços das ovelhas, o grito da Rainha, a voz do pastor das ovelhas, o espirro do bebê e os outros barulhos no som confuso da fazenda ao lado, e os suspiros e soluços da Tartaruga Falsa no mugido do gado ao longe.

Imaginou Alice uma mulher crescida, mas que, como ela, manteria o coração simples, puro e amoroso da infância e juntaria outros pequenos à volta, fazendo brilhar seus olhinhos ao ouvir tantas histórias estranhas do País das Maravilhas. Sentiria a mesma tristeza das crianças, o mesmo prazer, lembrando de sua própria vida quando pequena e seus dias felizes durante o verão.

Edição bilíngue

Lewis Carroll

Alice's Adventures in Wonderland

Retold by Telma Guimarães

Down the rabbit hole

It is a hot sunny day and Alice's sister is reading a book.

Alice wonders why they make books without pictures. She feels sleepy.

Suddenly she sees a White Rabbit. He's in a hurry.

"Oh, I'm late!" he says, looking at his watch.

"That's weird! A Rabbit with a watch!" she thinks.

The Rabbit quickly jumps into a rabbit hole and Alice follows him.

As she falls into the hole she sees some pictures and maps hanging on the walls. Alice sees a jar, too. There's a label on it that says "Orange marmalade." She opens it but it's empty. So she puts it back on the shelf.

"There's no end to this!" she thinks.

She keeps going down and down. "Maybe I'm falling to the center of the Earth! Maybe I'll see people walking upside down. I will ask these people if I am in Australia or New Zealand."

Alice stops falling. She is lying on dry leaves now. The Rabbit goes through a long tunnel. Alice follows him but she can't see him anymore.

She is in a very long hall now, with lamps hanging from the ceiling. There are many doors there but they are all locked.

"How can I get out of here?" she wonders.

Then she sees a glass table with three legs. A tiny key is on the table.

"Oh, there's a little door behind the curtain. Maybe the key opens it!" Alice gets the key and opens the door. She looks inside and sees a lovely garden and fountains!

"It's a pity I can't go through this little door. I wish I could be smaller!" she thinks. Alice decides to put the key back on the table. Then Alice sees a bottle on the table.

She remembers that the bottle wasn't there before.

There is a label on the bottle that says “Drink me.”

“I think it’s all right to drink it.” It tasted like cherry pie, pudding, pineapple, roast turkey, toffee, and hot toast and butter all at the same time.

Soon Alice feels different. She’s getting smaller and smaller and smaller.

“I’m twenty-five centimeters tall, so I can go into the garden now.”

But when she remembers that the key is on the table, she feels sad and starts crying.

“Don’t cry!” she says to herself.

Alice notices a glass box under the table. There’s a cake in the box with a message on it. The message says “Eat me.”

“I’ll eat the cake. Maybe I’ll get taller. Then I’ll get the key, get smaller again and go back to the garden.”

She takes a bite of the cake but nothing happens. Then she eats it all.

Alice’s tears

“Oh! Now I’m getting taller and taller!” Alice looks at herself. “I’m sure I can get the key now.” She gets it and goes to the little door. But she is too big and can’t get through it.

Alice sits down and starts to cry. She cries so hard that soon there is a pool of tears around her.

After a while the White Rabbit comes back with a pair of white gloves in one hand and a large fan in the other.

“Oh, the Duchess will be mad at me… I’m so late!” he says to himself.

“Please, sir…” says Alice. She feels desperate and asks the Rabbit for help.

He is frightened and drops the fan and the gloves. Then he runs away into the darkness.

Alice picks up the fan and the gloves. The hall is very hot and she

keeps fanning herself.

"Dear, dear! How strange everything is today! Let me think. Was I like this yesterday morning? I can remember feeling a little different. If I'm not the same, the next question is 'Who in the world am I?' Ah, that's a great puzzle!" She is surprised to find that she is wearing the Rabbit's gloves.

"I'm getting small again." Alice is happy because she is sixty centimeters tall now. She feels lucky because she can run back to the little door.

But the little door is shut and the golden key is lying on the glass table.

"That's too bad!" Alice says. Then she notices that she is in salt water.

"I'm in the ocean!" she says to herself.

But the salt water is really from her own tears.

Alice swims and tries to find her way out. Soon she is tired of swimming.

A mouse is swimming near her. To Alice the Mouse looks as big as a hippopotamus.

She asks him if he knows the way out of the pool. The Mouse says nothing.

Alice thinks maybe the Mouse doesn't understand English. She tries some words in French: "*Où est ma chatte?*"

The Mouse is so frightened that he jumps out of the water.

"Oh, I'm sorry !" cries Alice. "I forgot you don't like cats."

"Of course I don't like cats!," he answers.

"I wish you could meet our cat Dinah. She's so cute." Alice goes on talking about her cat. "She loves to catch mice." But Alice notices the Mouse is getting more frightened and decides not to talk about Dinah anymore.

"Our family doesn't like cats. In fact, we hate them," says the Mouse.

"Maybe you like dogs," Alice goes on. "A little dog lives near our house. He's a terrier and kills all the mice…" When the Mouse hears that he swims away.

"Please come back, Mr. Mouse!" she begs. "I won't talk about cats or

dogs anymore if you don't like them!"

When the Mouse hears this, he turns around and swims slowly back to her. His face is pale.

Both of them swim to the shore.

There are lots of birds and animals on the shore: the Duck, the Dodo, the Parrot, the Eagle and several other creatures.

The political race

Alice and all the animals are very tired. They get out of the water and feel cold and wet. The first question is how to get dry again.

"The best way to get dry is by having a political race," the Dodo suggests.

"What is a political race?" asks Alice.

"I'll show you," said the Dodo. He draws a circle and invites everybody to stand around it. "There's no 'One, two, three, go.' You just run." So they start to run.

The runners run or stop whenever they want. After half an hour, the Dodo calls out "The race is over!"

Everybody asks who the winner is. The Dodo stops and thinks for a long time, with one finger pressed against his forehead. "There are no winners in this race," he answers. "And it ends when everybody gets dry."

"Who will give out the prizes?" they all ask.

The Dodo points to Alice.

Then the whole group asks her for their prizes.

Alice pulls a box of candy out of her pocket and gives some pieces to them.

"She should receive a prize herself," says the Mouse.

"Of course," said the Dodo. "What else do you have in your pocket?" he asks Alice.

"Only a thimble," she answers.

"Can I have it?" the Dodo says.

Then the Dodo takes the thimble and gives it back to Alice: "Please accept this elegant thimble."

Alice thinks that's absurd, but they all look so serious that she knows she shouldn't laugh at them.

Everybody noisily eats the candy. Some pieces are too small for the large birds and some are too big for the small ones.

When the candy is all gone they all sit down again in a ring.

Alice says she misses Dinah. Everybody wants to know who Dinah is.

She explains that Dinah is her cat. She also says that Dinah loves to eat mice and birds.

The birds get nervous. They hate cats.

Alice is sure that Dinah is the best cat in the world. Alice is alone again. Nobody seems to like her.

"Oh, my dear Dinah! I want to see you again!" Alice says and begins to cry again. She feels very lonely.

In a little while she hears footsteps in the distance.

The gloves and the fan

The White Rabbit comes back again. He looks anxious as he cries out:

"The Duchess! The Duchess! She'll kill me! Where are my gloves and fan?"

Alice decides to help him. But everything is so different now.

There's no glass table and no little door.

When the White Rabbit sees Alice, he thinks Alice is his maid, Mary Ann:

"Mary Ann, go home and bring me back a fan and a pair of gloves. Now!"

Alice knows he is wrong but she goes in the direction he points in.

Soon Alice sees a little house. She goes in and goes upstairs. There she finds a little room with a table by the window. There is a fan on it and three pairs of gloves. And there is also a bottle near the mirror.

"Every time I eat or drink anything, something happens. I hope this will make me grow large again!" She drinks some strange liquid from the bottle and starts growing again. She grows as tall as the ceiling. Her elbow is against the door, one arm is out of the window, and one foot is up the chimney.

"Now I'm here in the middle of a fairy tale. I'll never live to be an old woman. Oh, silly Alice! How can you learn lessons here?"

She hears the Rabbit again, calling "Mary Ann! Mary Ann!" The Rabbit tries to open the door but Alice's elbow is pressed against it.

He tries to get in the window and Alice hears a crash of broken glass.

"Please come help me out, Pat!" the Rabbit calls out.

"Now tell me, Pat, what's that in the window?" asks the Rabbit.

"It's an arm, your honor!" replies Pat.

"An arm of that size? It fills the whole window!"

"It surely does."

"Well, go and make it disappear!"

There is a long silence after this, and Alice can only hear whispers now. "I certainly don't want to stay in here any longer!" Alice thinks.

"Let's burn the house down!" the Rabbit suggests.

Alice hears everything and replies that she will ask her cat Dinah to catch everybody.

Suddenly everybody is silent and Alice thinks to herself, "I wonder what they will do next!"

After a minute or two they start throwing stones at the window. Some of them hit her in the face.

"Don't do that again," she screams. She notices that the stones turn into little cakes when they fall on the floor.

"If I eat one of these cakes," she thinks to herself, "maybe it can make me smaller again."

So she eats one and gets little again.

Alice goes out the door. Outside, she sees little animals and birds

waiting around. Alice runs off as fast as she can and soon she is safe in the woods.

"The first thing I have to do is to grow back to my right size again. The second thing is to find my way into that lovely garden. I suppose I ought to eat or drink something, but what?" She looks around.

There's a large mushroom growing near her that is as big as she is. On the top of it a blue caterpillar is sitting there peacefully.

The Caterpillar's advice

The Caterpillar stares at Alice and she stares back at her.

"Who are you?" says the Caterpillar.

"I'm not the same I was this morning," she tries to explain.

"What do you mean by that?" asks the Caterpillar. "Explain yourself!"

"I'm afraid I can't explain myself, sir," Alice says, "because I'm not myself."

"I don't understand," he says.

"I was a different size this morning, and then I became another size, and then another. It's so confusing!"

"No, it isn't," says the Caterpillar.

"You will know what it's like when you turn into a butterfly some day. You'll feel different, too."

"Not a bit," says the Caterpillar.

"Tell me who you are," says Alice. She is getting angry.

"Why?" the Caterpillar wants to know.

That's another difficult question. Alice can't think of any good reason, so she turns away.

"Come back!" the Caterpillar calls. "I have something important to tell you!"

Alice turns around and comes back again.

"Keep your temper," he says.

"Is that all?" says Alice. She is mad at him.

"No," answers the Caterpillar.

"He might have something important to tell me," she thinks.

"So you think you change all the time," says the Caterpillar.

"I don't stay the same size for ten minutes!" Alice explains.

"What size do you want to be?" the Caterpillar asks her.

"Maybe a little bigger than I am now. Eight centimeters is a silly size to be!"

Then the Caterpillar gets down off the mushroom. He doesn't agree with her because he thinks that's a good size. He is exactly seven centimeters tall.

"One side will make you grow taller, and the other side will make you shorter."

"One side of what?" asks Alice.

"Of the mushroom," the Caterpillar says.

Alice looks at the mushroom. She takes a little piece of the mushroom with her right-hand. Alice gets smaller. Then she eats some of the mushroom that's in her left-hand and her neck starts getting longer and longer. Alice finally eats some more mushroom and comes back to her usual height.

"I'm back to my right size. Now I can get into that beautiful garden," she says.

As she says this, she comes to an open space with a little house in it.

"I'm too big to get into this house," she says. "I have to eat some more mushroom to get smaller."

At The Duchess' house

Alice looks at the house. "They're making so much noise inside. No one will hear me," she thinks to herself. So she decides to go in.

The kitchen is full of smoke. The Duchess is sitting on a stool nursing

a baby. The cook is preparing some soup over the fire.

"There's too much pepper in the soup!" Alice thinks to herself. "That's why everybody is sneezing."

There's also a large cat who is smiling from ear to ear.

"Can you tell me why your cat smiles like that?" Alice asks the Duchess.

"That's because it's a Cheshire cat," answers the Duchess. "That's it! Pig!"

At first Alice thinks this "pig" is for her, but it isn't. It's for the baby. "It seems strange that a cat can laugh," Alice says.

"All cats can laugh," replies the Duchess. "It sounds like you don't know much."

While Alice is thinking about an answer, the cook throws saucepans, plates and dishes at the Duchess and the baby.

"What are you doing?" cries Alice. She is worried about the baby but the Duchess isn't worried at all. She prefers to sing a lullaby to her baby:

Be angry with your little boy,
And hit him when he sneezes:
He only does it to annoy,
Because he knows it teases.

The Duchess throws the baby to Alice.

"You can take care of it. I have to play croquet with the Queen."

Alice can hardly hold the baby. It waves its arms and legs in all directions. She looks down into its face. It's a baby pig! She puts it down. "It's a handsome pig, though. It looks better than some children I know," she says to herself.

The next moment Alice sees the Cheshire Cat in a tree. He smiles at Alice.

"Can you please tell me which way to go?" asks Alice.

"That depends on where you want to get to," says the Cat.

"I don't care where I go" says Alice, "as long as I get somewhere."

"Oh, you're sure to get somewhere," says the Cat, "if you walk far enough."

Alice decides to try another question.

"What kind of people live around here?" she asks.

"A hatter lives over there," answers the Cat, pointing in one direction. "And the March Hare lives in that direction. Visit either you want. They're both mad."

"But I don't want to know any mad people," Alice says.

"Oh, we're all mad here. I'm mad. You're mad."

"How do you know I'm mad?" asks Alice.

"You must be," says the Cat. "You're in Wonderland, so you're mad. Are you going to play croquet with the Queen today?"

"Well, I would like it but the Queen didn't invite me," Alice says.

"Where's the baby?" the Cat asks.

"It isn't really a baby," Alice says. "It's a pig."

"I see," the Cat answers.

This time the Cat slowly vanishes, starting with his body, then his legs and finally his smile, which stays in the air for a while.

After a minute she walks on to the March Hare's house. On her way she meets the Cat again. He's sitting on a tree branch. He asks if the baby is a fig or a pig.

"A Pig" Alice answers.

"All right," says the Cat, and then he vanishes slowly. The tail goes away first, and then the smile.

"There are a lot of cats without smiles, but a smile without a cat is pretty weird!" Alice says.

Alice continues walking and soon she comes to the March Hare's house.

"This must be the house. The chimneys are like ears and there's fur on the roof." It's very big and she decides to eat some mushroom to get in.

"The March Hare must be mad," Alice thinks. "I wish I could go to the Mad Hatter's house instead," she thinks to herself.

A tea party

She gets to the March Hare's house. There's a table in front of the house. The March Hare and the Mad Hatter are having tea. A Dormouse is lying between them, asleep.

The table is big but when they notice Alice, they say "There's no room for you here!"

Alice doesn't care. She sits down in an armchair at one end of the table.

"Have some wine," says the March Hare.

"I don't see any wine," she answers.

"There isn't any," says the March Hare.

"It isn't very polite of you to offer it, then!" Alice says angrily.

"You aren't polite either," they reply.

"Why does a raven look like a writing desk?" the Mad Hatter asks Alice.

"I think I know that riddle" begins Alice.

"Do you mean you think you can give me the right answer?" asks the March Hare.

"Exactly so," Alice answers.

"Then you should say what you mean," says the March Hare.

"I do," replies Alice. "At least, I mean what I say, and that's the same thing!"

"No, it's not! You might as well say that 'I see what I eat' is the same thing as 'I eat what I see!' replies the Mad Hatter."

"You might as well say that 'I like what I get' is the same thing as 'I get what I like!'"

The Mad Hatter asks Alice another question.

"What day is today?"

"I think it's the fourth," says Alice.

"Two days wrong!" answers the Hatter, adding that "the butter doesn't suit the works." Then he looks angrily at the March Hare.

"It's the best butter possible," says the March Hare. He is in a bad mood.

"Yes, but there were some bread crumbs in it," The Mad Hatter grumbles.

The March Hare takes his watch and dips it into his cup of tea.

"It's the best butter."

Alice thinks it's a funny watch. "It tells the day of the month but it doesn't tell what time it is!"

"Does your watch tell you what year it is?" the March Hare asks the girl.

"No," Alice replies.

"My watch doesn't tell the time because it's always tea-time," says the Mad Hatter.

Alice cannot understand why there are so many teacups on the table. The Mad Hatter says is because they keep moving from place to place.

"Do you wash the cups?"

"No, we don't have time to do that," says the Mad Hatter.

Alice wants to know why, and the Mad Hatter explains that it's a long story.

The Dormouse is still sleeping.

"I really can't understand what's going on here!" Alice thinks to herself. Then she gets up and walks into the woods.

Alice looks around and notices a door in one of the trees.

"It's so strange!" Alice thinks. She decides to open the door and go inside.

She is back in the same room with the glass table and the gold key.

Then Alice takes the key and opens the door. She takes out the mushroom from her pocket and becomes small enough to get into the garden.

The queen's croquet game

There is a large rosebush near the entrance of the garden. It is white but three gardeners are painting it red.

Alice gets closer to watch them. When she comes up to them she realizes they are not people. They are just cards.

"Why are you painting those roses?"

Cards Five and Seven say nothing. Card Two answers: "It has to be a red rosebush, and we put a white one in by mistake. If the Queen finds out, she will have our heads cut off."

At this moment Card Five calls out "The Queen is coming! The Queen is coming!"

The three gardeners lie flat on the ground. There is a sound of many footsteps, and Alice looks around to see the Queen.

First ten soldiers come in carrying clubs. The soldiers are all shaped like the three gardeners, round and flat with their hands and feet at the corners. Next, the ten courtiers; they are covered with diamonds and march two by two, like soldiers. After them come ten royal children. They come jumping, in pairs, decorated with hearts. Next are the guests, mostly Kings and Queens. Alice recognizes the White Rabbit among them but he doesn't see her. Almost at the end is the Jack of Hearts, carrying the King's crown. Then, the King and Queen of Hearts arrive.

When they pass in front of Alice, the Queen asks the Jack of Hearts a question. "Who is this?" she asks. "What's your name, child?"

"My name is Alice, Your Majesty," says Alice very politely.

"And who are those men over there?" asks the Queen, pointing to the three gardeners.

"I don't know. It's not my business," Alice answers.

The Queen is furious with Alice's answer.

"Off with her head!" the Queen screams.

The King lays his hand on the Queen's arm, and says, "She's only a child!"

The Queen is mad at the gardeners and screams at the soldiers.

"I want the gardeners' heads cut off. I prefer red roses, not white ones."

The gardeners ask Alice to protect them. She puts them into a large flower-pot.

"Are their heads off?" shouts the Queen.

"Yes, Your Majesty," say the soldiers. But they are lying.

"Very well!" shouts the Queen. "Do you know how to play croquet?" she asks the girl.

"Yes, ma'am, I do," Alice answers.

"Come on, then! Get to your places!" shouts the Queen. People start to run.

The game begins.

Alice thinks that this is a weird croquet game. The balls are porcupines, the mallets are flamingoes, and the soldiers have to bend over and touch the ground to make the arches.

As soon as Alice has her flamingo in position to tap the ball, her porcupine runs away. The players don't wait their turns and argue all the time. And nobody follows the rules. Besides all this, the Queen never stops saying "Off with his head!".

"How can I get out of this place?" Alice says. She was looking around when the Cheshire Cat appeared.

"Now I shall have somebody to talk to," Alice thinks.

"How are you?" asks the Cheshire Cat.

"I don't like that game. They don't play fair," Alice says. "They fight so much that no one can hear themselves think. They don't have any rules. Everything is so confused."

"Do you like the Queen?" asks the Cat.

Alice is about to say she doesn't, but when she sees the Queen nearby, she says nothing.

The Queen smiles and walks on.

"Who are you talking to?" the King asks Alice, looking at the Cat with curiosity.

"It's a friend of mine – a Cheshire Cat," answers Alice.

"I don't like the way he looks at me," says the King. "But he can kiss my hand if he wants."

"No, thanks," says the Cat.

“Don’t look at me like that!” says the King.

“A cat can look at a king,” says Alice.

“Take this cat outside, please,” the King tells the Queen.

“Off with his head!” says the Queen.

“I can call the executioner myself,” the King says.

Alice went back to the croquet game. When she decides to talk with the Cat again, there is a crowd around him: the executioner, the King, the Queen and many other people.

“How can we cut off a head if there is no body to cut it off from, the executioner wonders.”

Alice says the Cat belongs to the Duchess, so they have to ask her about cutting his head.

“The Duchess is in prison,” says the Queen asking the executioner to bring the Duchess in there.

The Cat’s head begins to disappear, and in a moment he is gone.

When the executioner comes back with the Duchess, the Cat’s head disappears entirely.

So everybody goes back to the croquet game. All the time they are playing the Queen shouts “Off with his head” or “Off with her head!”

Half an hour later all the players are under sentence of execution but the King, the Queen and Alice.

“Do you know the Mock Turtle?” the Queen asks Alice.

Alice answers that she doesn’t know what a Mock Turtle is.

“It’s the thing Mock Turtle soup is made from. Come on,” says the Queen. “And he will tell you his history.”

The King pardons all the company as the Queen and Alice walk off.

Alice feels relief.

The mock turtle and the lobster quadrille

Soon they come across a Gryphon lying asleep in the sun.

The Queen asks the Gryphon to wake up.

"Take this lady to see the Mock Turtle. I must go back to see after the executions," she asks and walks off.

"The Queen never executes nobody," says the Gryphon. Then he invites Alice to follow him.

Not so far they see the Mock Turtle. He is very sad and lonely, sitting on a rock.

The Gryphon asks the Mock Turtle to tell Alice his history.

"I will tell you everything," says the Mock Turtle with his eyes full of tears. "I was a real turtle a long time ago. Everyday we used to go to the school in the sea."

"Oh, like my own school!" says Alice.

"Are there extras in your school?" asks the Mock Turtle.

"French and music."

"And washing?" says the Mock Turtle.

"Not at all!" says Alice.

"At ours, we had 'French, music, and washing – extra'."

"You don't need washing lessons at the bottom of the sea," says Alice.

"I couldn't afford them," says the Mock Turtle. "I only took the regular course."

"Which one?" Alice wants to know.

"Reeling, writhing and Arithmetic."

"And how many hours a day did you do lessons?" asks Alice.

"Ten hours the first day," says the Mock Turtle, "nine the next, and so on."

"That's why they're called lessons," the Gryphon adds, "because they lessen day after day."

"I presume the eleventh day was a holiday," says Alice.

"Of course!" exclaims the Mock Turtle.

In a while, with tears down his cheecks, the Mock Turtle goes on:

"I'm sure you don't know a Lobster Quadrille."

"You're right. What is it like?" says Alice.

"Let's show her!" says the Mock Turtle to the Gryphon.

The Mock Turtle and the Gryphon dance around Alice. But when they pass too close, they tread Alice's toes.

The Mock Turtle sings a very sad song and when he is about to sing another song, they hear a cry of "The trial is beginning!".

"Come on!" says the Gryphon.

Alice and the Gryphon hurry off.

"What's going on? What trial is it?" asks Alice.

But the Gryphon only runs faster.

The trial

When they arrive the King and the Queen are sitting on their thrones. The cards are next to them and the Jack of Hearts is standing in front of them. There are two soldiers beside the Jack, because it's his trial.

"There's the jury!" says Alice. She looks at the twelve creatures in the jury-box, including birds, animals and a lizard.

The White Rabbit is near the King. He has a paper in one hand and a trumpet in the other. There is a table in the middle of the room with some pie on it.

"Hmm, I bet the pie is yummy! I'm so hungry," Alice thinks.

"Silence in the court!" the White Rabbit suddenly shouts out, and he starts to read the paper in his hands:

The Queen of Hearts

Made some tarts,

Who took them away?

The Jack of Hearts!

The White Rabbit calls up the first witness. Then the Mad Hatter comes into the room. He has a teacup in one hand and some bread and butter in the other.

"I was having my tea," said the Mad Hatter.

“When did you start having your tea?” the King asked.

“March fourteenth.”

“Fifteenth,” says the March Hare.

“Sixteenth,” insists the Dormouse.

The King orders the jury to write everything down.

“Take off your hat!” he orders the Mad Hatter.

“It isn’t my hat,” says the Mad Hatter.

“But it’s someone’s hat. Do you like to steal hats?”

“Oh, no. I sell them! I’m a hatter!”

“Don’t be nervous or I’ll execute you!” says the King.

“Cut off his head!” orders the Queen.

“You can go,” the King says to the Mad Hatter.

The Mad Hatter runs out of the room.

Alice feels there’s something wrong with her. She realizes she’s growing again.

The White Rabbit calls up the next witness.

“Alice!” he shouts.

“Here I am!” shouts the girl.

Alice is taller now and when she walks, she knocks over the jury box. Everybody falls over but the girl puts them back into the box.

“What can you tell us about the pie?” asks the King.

“Nothing, Your Majesty!” Alice answers.

“That’s very important!” says the King.

“You mean, unimportant,” the White Rabbit remarks.

The King goes on repeating “important–unimportant.” Then he reads out: “Rule Forty-two: persons over a mile tall must leave the court.”

“I’m not that tall and that’s not a normal rule! I don’t want to leave the room!” she says.

The King asks for the verdict, but the Queen says she wants to hear the sentence before the verdict.

“I don’t believe a word of it!” says Alice.

“Cut off her head!” shouts the Queen.

“Nobody cares about you! You are only cards!” says Alice. And suddenly she returns to her normal size.

All the cards come flying down on Alice and she tries to fight them.

“Wake up, dear Alice!” she hears her sister say.

Alice opens her eyes. She is lying on the bench. She tells her sister about the strange dream.

“Go and have some tea, Alice,” her sister says.

While Alice walks back home, her sister thinks about Alice’s wonderful dream. She can almost see some of those creatures around her, running through the grass, like the White Rabbit, the Mouse, the March Hare and his friends, and the Queen.

Glossary

Nouns

ace of clubs – ás de paus
arch – arco
armchair – poltrona
bite – mordida, dentada
branch – galho de árvore
bread crumbs – migalhas de pão
butterfly – borboleta
candy – bala, doce
card – carta (de baralho)
caterpillar – lagarta
ceiling – teto
cherry pie – torta de cereja
chimney – chaminé
clubs – tacos, paus (naipe de baralho)
corner – canto
court – corte, tribunal
courtier – cortesão, cortesã
crown – coroa
diamond – ouros (naipe de baralho)
dish – tigela
dormouse – animal parecido com esquilo
duchess – duquesa
elbow – cotovelo
executioner – carrasco
fairy tale – conto de fadas

fan – leque
fig – figo
flat – plano, chato
flower-pot – vaso
footsteps – passos
forehead – testa
fountain – fonte
fur – pelo (de animal)
glass – vidro
gloves – luvas
ground – chão
hare – lebre
hatter – chapeleiro
hearts – copas
height – altura
hole – buraco
inch – polegada
jack of hearts – valete de copas
jar – pote
king of diamonds – rei de ouros
label – etiqueta
leaves – folhas
lizard – lagarto
lullaby – cantiga de ninar
ma'am (madam) – senhora
mallet – taco
mirror – espelho
mistake – engano
mood – humor
mushroom – cogumelo
neck – pescoço
orange marmalade – geleia de frutas cítricas
outside – do lado de fora
pepper – pimenta
pie – torta

pineapple – abacaxi
pity – pena
plate – prato
pocket – bolso
pool of tears – piscina de lágrimas
porcupine – porco-espinho
prize – prêmio
pudding – creme de baunilha
queen of hearts – dama de copas
raven – corvo
riddle – adivinha
roast turckey – peru assado
roof – telhado
room – lugar, espaço
rosebush – roseira
royal – real
rule – regra
saucepan – panela
seven of spades – sete de espadas
shelf – prateleira
size – tamanho
smoke – fumaça
stool – banquinho
tail – rabo
tart – torta
teacup – xícara de chá
thimble – dedal
three of diamonds – três de ouros
toffee – (bala) caramelo
trail – julgamento
turn – vez
upstairs – andar de cima
winner – vencedor
whisper – sussurro
whole – inteiro

Wonderland – País das Maravilhas
woods – bosque
writing desk – escrivaninha
Your Honor – Sua Majestade

Verbs and phrasal verbs

to add – acrescentar
to annoy – perturbar, amolar
to argue – discutir
to belong – pertencer
to bend over – dobrar-se
to be one's business – ser da conta de alguém
to break – quebrar
to burn down – queimar
to care – importar-se
to crash – estalar, despedaçar
to cry out – gritar
to cut off – cortar, decepar
to dip – mergulhar
to draw – desenhar
to fall into – cair
to fall over – cair (por perder o equilíbrio)
to fill – encher
to get down – descer
to get out of – sair de
to give out – distribuir
to go down – descer
to go in – entrar
to grumble – resmungar
to hang on – pendurar
to hit – bater

to hold – segurar
to jump – pular
to keep one's temper – manter a calma
to laugh at – rir de, zombar de
to lie – mentir, deitar-se
to lock – fechar
to mean – querer dizer, significar
to nurse – cuidar de
to point – apontar
to press – pressionar
to pull – puxar
to pull out – tirar
to put back – colocar de volta
to recognize – reconhecer
to reply – responder
to run off – sair correndo
to safe – salvar
to shape – formar, ter a forma de
to smile – sorrir
to sneeze – espirrar
to stare – encarar, fitar
to suit – ser apropriada
to take away – levar, tirar
to tap – bater de leve
to tease – provocar
to throw – atirar
to try – tentar
to turn away – dar as costas, ficar de costas
to turn into – transformar-se
to vanish – desaparecer
to wave – abanar
to wonder – querer saber, imaginar
to worry – preocupar-se

Expressions and adjectives

any longer – não mais
asleep – adormecido
as long as – contanto que
at all – de modo algum
at least – pelo menos
better – melhor
either – também não
far enough – longe o bastante
fair – justo
full – cheio
handsome – bonito (só para homens)
hardly – mal
in a hurry – com pressa
in a while – pouco depois
large – grande
longer – mais comprido
lovely – encantador
mad – louco
might have – poder ter
nearby – perto, por perto
not a bit – nem um pouco
ought to – dever
peacefully – tranquilamente
polite – educado
should – deveria
silly – bobo
slowly – vagarosamente
somewhere – algum lugar
surely – certamente
though – embora, apesar disso
through – através
tiny – minúsculo

upside down – de ponta-cabeça

weird – estranho

what else – o que mais

what kind of – que tipo de

yummy – delicioso

TERRA FANTÁSTICA E DA LÓGICA ABSURDA

SE, POR UM LADO, a oportunidade de se transformar em alguém diferente a cada momento, dentro de uma realidade completamente distinta daquela que se conhece, traz uma sensação de liberdade, a incerteza do inesperado também gera certa angústia. Essa mistura de sentimentos associada ao imprevisível, é o mote do livro *Alice no País das Maravilhas*.

Ao longo da história, é possível acompanhar uma transfiguração dos conceitos de tempo e espaço, isto é, um mundo em que a ordem estabelecida e a lógica das coisas são constantemente questionadas, não apenas pelo universo concebido pelo autor, Lewis Carroll, mas também pela forma pela qual a protagonista, Alice, apresenta-se no decorrer da história. Por causa disso, este é um livro atemporal, sem direcionamento específico de público – nem infantil, nem adulto – e repleto de reflexões e jogos enigmáticos.

O autor, Charles Lutwidge Dodgson – mais conhecido por seu pseudônimo Lewis Carroll –, nasceu em janeiro de 1832, na cidade inglesa de Daresbury. Ele foi educado segundo uma forte tradição religiosa, pois seu pai era clérigo anglicano e ansiava ver seu filho seguir o mesmo caminho. No entanto, Carroll sofria com uma leve surdez e certa gagueira, que o impediram de ordenar-se pastor.

Em 1851, passou a estudar Matemática na Christ College, na Universidade de Oxford, e, devido a seu esforço e talento, foi convidado a lecionar no mesmo curso depois de formado. Além de professor e escritor, foi desenhista e fotógrafo. Morreu em 1898, deixando não apenas as obras *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho* mas

também diversos livros de estudos matemáticos.

O autor Lewis Carroll (1832-1898).

GL Archive/Alamy/Fotoarena

Carroll convivia bastante com crianças e sempre gostou muito de inventar histórias *nonsense* e enigmas ou jogos matemáticos para elas. Ele sempre estava na companhia de Henry Liddell, reitor da Christ Church, e sua família: a esposa, Lorina Hannah Liddell, e as três filhas, Lorina, Edith e Alice. E foi assim que *Alice no País das Maravilhas* surgiu, em um passeio de barco em 1862 pelo Rio Tâmisa em que Carroll, na verdade, tentava entreter as três filhas de Liddell. A narrativa acabou evoluindo para um manuscrito em 1864, sob o título *Alice debaixo da terra*, para ser entregue à própria Alice Liddell. Posteriormente, em 1865, decidiu lançar sua obra, aumentando a história de 18 mil palavras para

35 mil, acrescentando alguns personagens e mudando o título para o que se conhece hoje em dia. John Tenniel, ilustrador da primeira tiragem do livro, pediu que os exemplares fossem retirados de circulação logo após a publicação, pois questionava a qualidade da impressão. Assim, em 1866, sai a segunda tiragem do livro, que rapidamente se tornou um sucesso na Inglaterra, sendo lido, inclusive, pela rainha Vitória e pelo escritor Oscar Wilde. Não demorou muito para que essa história se transformasse em um dos maiores sucessos da literatura universal, ganhando tradução para mais de 125 línguas e contando com mais de 100 edições só na Inglaterra.

Ilustração original de John Tenniel para o título Alice no País das Maravilhas, *1865.*

Album/Fine Art Images/Fotoarena

A história em *Alice no País das Maravilhas* desenvolve-se a partir do

episódio em que Alice cai na toca de um coelho e entra em um mundo fantástico, com características em que sonho e realidade se misturam, subvertendo a lógica das coisas, tudo isso muito bem costurado por enigmas matemáticos, já que o autor foi um dos pioneiros em estudos do uso da lógica e da simbolização.

Por essa realidade dismórfica, a obra ganhou diversas interpretações ao longo da história, mas uma das propostas é que toda a viagem de Alice por esse mundo do absurdo seja, na verdade, uma representação do início da adolescência, com a entrada súbita em um mundo invertido e destoante, motivo pelo qual Alice mudaria tanto de tamanho, esqueceria tantas coisas que representam sua infância, como músicas e histórias, e mudaria suas vontades ao longo da narrativa a ponto de não se reconhecer mais.

Cena da animação Alice no País da Maravilhas*, de 1951, desenvolvida pelos estúdios Walt Disney. Uma adaptação infantil do clássico de Lewis Carroll.*

Walt Disney Pictures/Album/ Fotoarena

O sucesso dessa história é tão grande que ela já foi adaptada para o cinema, HQ e até álbum de figurinhas. Só para o cinema ou televisão, por exemplo, são 23 filmagens e adaptações. O primeiro filme, rodado em 1903 e dirigido por Cecil M. Hepworth, fez parte do cinema mudo, sendo uma filmagem curta, de apenas 12 minutos no total. Já em 1951,

os estúdios Walt Disney lançaram sua adaptação de *Alice no País da Maravilhas*, tornando-se um dos maiores clássicos animados. E, embora seja um filme infantil, a adaptação conseguiu fazer uma releitura com os questionamentos trazidos pela obra original, mas sem compromisso com a profundidade explorada por Carroll. Em 2010, os estúdios Walt Disney lançaram mais uma adaptação da história, porém, diferentemente do longa-metragem de 1951, o mais recente título não era uma animação. Esse filme foi dirigido pelo famoso diretor Tim Burton e contou ainda com a participação de Johnny Depp como Chapeleiro Maluco, Anne Hathaway como Rainha Branca e Mia Wasikowska interpretando a protagonista da história. A adaptação ganhou, ao todo, quatro prêmios, entre eles, o Oscar de Melhor Direção e o de Melhor Figurino, em 2011, recebendo também sete indicações para prêmios como Bafta e Globo de Ouro.

Cartaz do filme Alice no País da Maravilhas*, de 2010, dirigido por Tim Burton.*

Walt Disney Pictures/Album/ Fotoarena

Além do cinema, *Alice no País das Maravilhas* aparece representada em outras manifestações artísticas, como em obras de artes plásticas. Na década de 1960, Salvador Dalí publicou 12 gravuras inspiradas no universo criado por Lewis Carroll.

É indiscutível o alcance que *Alice no País das Maravilhas* ganhou ao longo dos anos. Cada geração que se volta para o livro se beneficia do

frescor da obra, o que a mantém como uma leitura atual. O livro está repleto de detalhes e riquezas incomparáveis, com questionamentos que podem ser refeitos a cada momento, não sendo únicos para a época em que o livro foi escrito. É, sem dúvida, uma obra de arte que revela um olhar singular para a experiência humana.

Informações disponíveis em:

- *http://biografiaecuriosidade.blogspot.com/2014/11/biografia-de-lewis-carroll.html*
- *www.revistaplaneta.com.br/o-que-e-que-alice-tem/*
- *https://educacao.uol.com.br/biografias/lewis-carroll.htm*
- *www.ebiografia.com/lewis_carroll/*
- *www.ideafixa.com/oldbutgold/alice-in-wonderland-por-salvador-dali*
- *www.guiadasemana.com.br/arte/noticia/13-curiosidades-sobre-alice-no-pais-das-maravilhas-que-voce-precisa-saber*
- *www.adorocinema.com/filmes/filme-27098/*
- *www.adorocinema.com/filmes/filme-132663/creditos/*

Telma Guimarães

Nasci em Marília, São Paulo. Vim para Campinas há muitos anos e foi aqui que publiquei meu primeiro livro, ainda como professora de Inglês, profissão que exerci com muita alegria. Já havia publicado mais de quarenta títulos quando decidi que não poderia mais me dedicar ao magistério, pois era impossível continuar a fazer as duas coisas. Como sou formada em Letras vernáculas e Inglês e fui aluna de intercâmbio nos Estados Unidos, achei que poderia escrever também nessa língua que gosto tanto. Deu certo! Sou autora de quase duzentos livros infantis e juvenis, em português e inglês.

Para as adaptações, eu consulto várias publicações da obra, analiso e comparo algumas delas até começar a minha. Leio sobre o autor e descubro detalhes em sua história que, de certa forma, são pulverizadas ao longo do texto. Depois, faço um levantamento dos personagens e só então dou início ao meu texto, que precisa ser mais curto e de fácil leitura. Trabalho longo, mas extremamente enriquecedor para mim!

Fico imaginando o que os leitores pensaram ao ler essa história na ocasião de seu lançamento!

Uma das primeiras coisas que nos intriga é a queda de Alice. Na época de Carroll eram muitas as considerações feitas quanto ao que poderia acontecer se alguém caísse num buraco que passasse pelo centro da Terra. Assim, o autor brinca com velocidade, aceleração, resistência do ar. E isso, só para começar.

Leia sem pressa e penetre nesse mundo maravilhoso também!

Alexandre Rampazo

Recontar um clássico como *Alice no País das Maravilhas* foi um desafio, principalmente por ele já ter sido contado inúmeras vezes. Mesmo assim, acredito que consegui expressar nas ilustrações a personalidade que imaginei para os personagens desse clássico adaptado de forma tão competente pela Telma.

Trabalho com livros, histórias e imagens há tempos. Narrativas me encantam. Quando não estou escrevendo e ilustrando uma narrativa, crio histórias com imagens para outros autores. Me formei em *Design,* ilustrei cerca de 60 livros em parceria com outros autores e tenho 11 livros autorais publicados; *Este é o lobo e A cor de Coraline* são dois deles. Criar novos mundos usando palavras e imagens – mundos que dizem muito sobre nós e podem nos transformar em seres humanos melhores – me faz querer virar uma página todos os dias, vislumbrar algo novo e me sinto realizado por isso.

Tive a honra de receber importantes prêmios literários, como o Prêmio Jabuti e o Prêmio FNLIJ, entre outros. Já fui selecionado para a 26th Biennial of Illustrations Bratislava e tenho obras escolhidas para o catálogo IBBY/FNLIJ's Selection Bologna Children's Book Fair.

© Editora do Brasil S.A., 2019
Todos os direitos reservados

Texto © Telma Guimarães
Ilustrações © Alexandre Rampazo

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso

Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Supervisão editorial: Gilsandro Vieira Sales
Edição: Paulo Fuzinelli
Assistência editorial: Aline Sá Martins
Auxílio editorial: Marcela Muniz
Supervisora de arte e editoração: Cida Alves
Design gráfico: Cida Alves
Editoração eletrônica: Patricia Ishihara
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Revisão: Eduardo Passos e Camila Gutierrez
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Pesquisa iconográfica: Daniel Andrade
Produção e-book: Booknando livros

1ª edição digital, janeiro de 2021

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP - CEP: 01203-001
Fone: +55 (11) 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, Telma
Alice no país das maravilhas = Alice's adventures in wonderland [livro eletrônico] / Lewis Carroll ; adaptação [e tradução] de Telma Guimarães ; ilustrações de Alexandre Rampazo. -- 2. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2020. -- (Coleção biclássicos)
14 Mb ; ePub

Edição bilíngue: português/inglês

ISBN 978-65-5817-991-7

1. Literatura infantojuvenil I. Carroll, Lewis,1832-1898 II. Rampazo, Alexandre. III. Título. IV. Título: Alice's adventures in wonderland. V. Série.

21-54277 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Acompanhe a Brasil

atendimento@editoradobrasil.com.br
www.editoradobrasil.com.br